

10 MESTRE BIMBA: CRIAÇÃO E RESISTÊNCIA AFRO-DESCENDENTE

Apresentaremos nesse item uma biografia de Mestre Bimba, destacando as principais partes da sua trajetória de vida desde o seu nascimento, a criação da “Luta Regional Baiana”, a difusão da Capoeira Regional, as lições de sabedoria, a vida privada, os prêmios e homenagens, os instrumentos da capoeira, Mestre Bimba como um comunicador, a sua transferência para Goiânia e morte.

Manoel dos Reis Machado (Mestre Bimba) nasceu em 23 de novembro de 1900⁵², no bairro de Engenho Velho de Brotas, antiga Freguesia de Brotas em Salvador, Bahia, pouco mais de uma década após a Abolição da Escravatura⁵³. Filho de Luís Cândido Machado, caboclo natural de Feira de Santana, famoso campeão baiano de batuque, e de Maria Martinha do Bomfim. Foi carvoeiro, doqueiro, trapicheiro, carpinteiro, mas, principalmente, capoeirista. Mestre de capoeira foi condição adquirida por reconhecimento popular e pelo respeito da sociedade, numa época em que a perseguição às manifestações da cultura negra era muito intensa e perversa.

O seu apelido de Bimba foi resultado de uma aposta de sua mãe com a parteira que o “aparou” ou seja, fez seu parto. Sua mãe afirmava veementemente que iria dar à luz a uma menina, tinha plena certeza e a parteira dizia que seria um homem. A aposta se consubstanciou e, ao nascer o menino, a parteira aconchegando-o à mãe e fez questão de lhe dizer olhe a “bimbinha”⁵⁴ dele e esse cognome o acompanhou por toda sua vida.

Para ilustrar esse acontecimento, o cordelista Bule-Bule, fazendo uma homenagem ao mestre, escreveu uma pérola intitulada: **Bimba espalhou capoeira nas praças do mundo inteiro**. Em um dos seus versos ele retrata o nascimento de Bimba da seguinte maneira:

⁵² Alguns autores afirmam que Mestre Bimba tinha outra certidão de nascimento em que constava o ano de 1899.

⁵³ A Lei nº 3.353 – Abolição da Escravatura - foi assinada pela Princesa Isabel, em 13 de maio de 1888.

⁵⁴ Bimbinha, nome popular do órgão sexual masculino na Bahia.

A parteira e a gestante
 Estavam em discussão
 Fizeram até uma aposta
 Se era menino ou não
 Na hora do nascimento
 Surgiu a grande expressão

Era para anunciar
 Na hora do nascimento
 A mãe sofria feliz
 Aguardando o seu rebento
 E a parteira convicta
 Pelo seu conhecimento

A mãe dizia é menina
 Dizia a parteira é macho
 Quando surgiu o neném
 A comadre olhou por baixo
 E disse ganhei a aposta
 O cabra tem bimba e cacho

Somente aos doze anos de idade, Bimba, o caçula de Dona Martinha, iniciou-se na capoeira, na Estrada das Boiadas, hoje, bairro da Liberdade. Seu mestre foi o africano Nozinho Bento, o Bentinho, Capitão da Companhia de Navegação Baiana, do qual Bimba falava com admiração reportando-se à extraordinária habilidade no capoeirar e salientava a espantosa capacidade de executar o salto mortal na boca de um caixote de cebola.

Muniz Sodré (2002, p. 35), falando sobre o aprendizado de Bimba, assim se refere poeticamente:

Bimba aprendeu com Bentinho
 O toque, a ginga, a malícia
 Com pouco tempo sabia
 Tudo com grande perícia
 Estava pronto pra briga
 Com paisana ou com a polícia

Aos 14 anos, Bimba passou a se interessar por outra manifestação afro-brasileira, ingressando no Candomblé do Senhor Vidal, um terreiro da nação Ketu que funcionava no Engenho Velho de Brotas. Aos 20 anos, determinado, tornou-se ogã, título que é instituído a aquelas pessoas que se destacam e se mostram capazes de prestar relevantes serviços à instituição, desde atribuições sociais até religiosas.

Devido a alguns desentendimentos, se desligou do terreiro e assim desistiu de ocupar as funções exigidas pelo candomblé, passando a se dedicar exclusivamente à capoeira, porém não deixou de cumprir suas obrigações junto a Xangô.

Mais uma vez, recorremos a Muniz Sodré (2002, p. 95) que explica os dados passados a ele por Mãe Alice, a respeito da participação de Bimba no seu Terreiro Oiá Padê da Riméia, uma casinha azul-anil, modelo e cor muito comum nas casas do Recôncavo, pouco conhecida e situada no Alto da Santa Cruz, Nordeste de Amaralina.

Certa feita, fomos convidados, Luciano (Galo), César (Itapoan), Eglon (Russo), José Valmório (Bolão) e eu, por Mestre Bimba a irmos até o Terreiro de Candomblé no Alto da Santa Cruz. Chegando lá, fomos recebidos por Mãe Alice, a qual nos proporcionou um “passe”, uma “reza” e ficamos impressionados pela forma, mas acatamos cheios de respeito e admiração, tensão quebrada apenas no momento em que ela desferiu vários tapas nas costas de “Galo” falando coisas estranhas, incompreensíveis para nós, que tomamos um susto danado, fato logo explicado por Dona Alice e o mestre, dizendo que Luciano (Galo) estava “carregado” ou de “mal olhado”, algo que não era bom para ele; foi então um momento de descontração, pois, meios desconfiados, rimos bastante e gozamos muito Luciano, que ainda se refazia do susto.

Em outra ocasião, fomos também estimulados por Mestre Bimba a comparecer a uma cerimônia de “Quitanda de Yaô”. Ele não explicou nada para a gente, chamou D. Alice e pediu para ela nos levar até a casa onde estava acontecendo o ritual, situado no Nordeste de Amaralina.

Sáímos do Sítio Caruano e fomos em grupo, Camisa Roxa, Itapoan, Russo, Galo, Alegria, Gia, Bolão e eu. Chegando lá, D. Alice nos apresentou ao Pai de Santo responsável pela casa e simplesmente disse para a gente: “O mestre mandou vocês aqui pra ver o que vocês podem fazer” e passou a explicar o funcionamento da “Quitanda de Yaô”. Explicou que era um ritual de iniciação e que as pessoas presentes poderiam comprar as frutas e doces que elas tinham nos tabuleiros guardadas por outras Yaôs, caso não quisessem pagar o que era “permitido” poderiam levar chicotadas de cipó cabloco.

Foi uma farra, tentamos ser mais espertos, ser mandingueiros⁵⁵ e enganar as Yaôs, roubando alguns doces, o que valeu boas cipuadas que deixaram marcas nos nossos lombos de ficar moles.

No final, o Pai de Santo disse que tinha gostado muito dos alunos de Mestre Bimba e que ele nunca tinha presenciado algo semelhante: “*vocês pareciam que estavam malucos*”. Devolvemos os tabuleiros e panelas “roubadas” e fomos embora conversando.

⁵⁵ Capoeirista ladino, maneiroso, cheio de negaças, truques, disfarces e ardis. (Nina Rodrigues) In: LIMA, Mano. **Dicionário de capoeira**. Brasília, 2005.

O mestre, no dia seguinte, ao saber do acontecido, riu a valer e quis saber todos os detalhes: “*Como foi isso? Como foi aquilo?*”. Baseado nesses fatos, podemos dizer que Bimba sabia motivar seus alunos para os desafios.

Mestre Bimba criou a Capoeira Regional, chamada também de “Luta Regional Baiana”, aproveitando-se dos seus conhecimentos da Capoeira Angola adquiridos nos ensinamentos com seu mestre Bentinho e do batuque, uma luta braba e violenta aprendida na convivência com seu pai Luiz Candido Machado, batuqueiro famoso e campeão, numa época em que a Capoeira era vista como atividade marginal por ser oriunda de manifestações do povo africano escravizado no Brasil.

Decanio (1996, p. 110) trás um acontecimento inusitado sobre a mãe de Mestre Bimba, oriunda do Recôncavo, negra, cachoeirana e filha de africanos praticantes do batuque, o que levou Bimba a dizer que ela era muito respeitada no rol dos batuqueiros, considerada como “boa de perna”.

Mestre Itapoan (1994, p. 15) nos fala do que lhe contava Bimba sobre a vida difícil dos capoeiristas:

Naquele tempo Capoeira era coisa para carroceiro, trapicheiro, estivador e malandros. Eu era estivador, mais fui um pouco de tudo. A polícia perseguia o capoeirista como se persegue um cão danado. Imagine só que um dos castigos que davam a capoeirista que fossem presos brigando, era amarrar um dos punhos num rabo de cavalo e outro em cavalo paralelo, os dois cavalos eram soltos e postos a correr em disparada até o quartel. Comentavam até, por brincadeira, que era melhor brigar perto do quartel, pois houve muitos casos de morte. O individuo não aquentava ser arrastado em disparada pelo chão e morria antes de chegar ao seu destino: o Quartel de Polícia.

Mestre Bimba sentia que a capoeira que aprendera estava perdendo suas características de luta, estava se folclorizando. Os capoeiristas da época passaram a fazer exhibições em praças públicas descaracterizando-a como luta em virtude de não apresentarem os golpes tidos como violentos e até mortais, mas golpes estilizados e “pantomimas” na intenção de empolgar os espectadores.

Esse parece ter sido o principal motivo que levou Bimba à (re) criar a capoeira. Idealizou uma nova capoeira mais vigorosa, mais enérgica, mais contundente, mais decisiva que denominou de Capoeira Regional ou Luta Regional Baiana.

Isso através da sua genialidade criativa e valendo-se dos conhecimentos da capoeira que aprendera com o seu mestre Bentinho e do batuque, uma luta antiga que era jogada com as pernas, com o objetivo de derrubar o adversário, da qual seu pai era exímio lutador.

Sobre o batuque, Edison Carneiro (1976, p. 112) assim escreve:

A competição mobilizava um par de jogadores de cada vez. Estes, dado o sinal, uniam as pernas firmemente, tendo o cuidado de resguardar os órgãos sexuais. Havia golpes como “encruzilhada”, em que o atacante atirava as duas pernas contra as do adversário, a “coxa lisa”, em que o jogador golpeava coxa contra coxa, acrescentando ao golpe uma “rapa”, e o “baú”, quando as coxas do atacante davam um forte solavanco nas do adversário, bem de frente. Todo o esforço dos jogadores concentrava-se em ficar em pé, sem cair. Se, perdendo o equilíbrio, tombasse, o jogador teria irremediavelmente perdido. Era comum, por isso, ficarem os batuqueiros em “banda solta”, equilibrados em uma única perna, a outra no ar, tentando voltar a posição primitiva. Todo Capoeira joga Batuque, mas, como jogo independente, o Batuque já não existe mais na Bahia.

Edison Carneiro diz que a orquestra do batuque era semelhante à da capoeira: composta pelo berimbau, pandeiro e ganzá ou reco-reco e que as principais figuras desse tipo de jogo eram os negros descendentes de Angola.

As rodas de batuque aconteciam normalmente nos dias de domingo e nos dias de festa pública: no Natal, no Ano-Novo, nas festas de Reis, no Carnaval e no dia Dois de Julho. Os locais preferidos eram o Terreiro de Jesus, Largo da Piedade e Ribeira.

Esses encontros de batuqueiros sempre terminavam em desordem, conflitos mais diversos, o que levava a um festival de bofetadas, pauladas e até facadas. Por conta desse embates, a polícia era chamada a intervir, o que praticamente consolidou a expulsão dos batuqueiros para o interior do Estado.

Outro motivo que parece ter influenciado Bimba era a situação vexatória da capoeira, tida como marginalizada e inclusa no Código Penal, o qual a classificava como vadiagem com pena prevista de prisão.

Bimba tinha um projeto para sua Capoeira Regional: queria ser reconhecido como mestre de capoeira; queria mostrar a capoeira para todos os segmentos da sociedade baiana; estava decidido a tirar a capoeira de “baixo do pé do boi” e, em primeira instância, decidiu partir para a luta desafiando os principais lutadores da época e por isso ganhou do jornal *Estado da Bahia*, em 7 de fevereiro de 1936, o epíteto de “Bimba é Bamba”. Em segunda instância, Bimba partiu para promover a sua Capoeira Regional não medindo esforços e nem perdendo oportunidades de mostrar a sua arte para que quer que fosse.

Pelo fato de criar a Capoeira Regional e dar uma nova feição a essa arte-luta-regional é que alguns autores o consideram como o “mago” da capoeiragem baiana, entendendo que Mestre Bimba, ao idealizar a Capoeira Regional, estabelece uma ruptura com a capoeira então praticada, destacando-se entre os demais capoeiristas da época, passando a exercer uma liderança, enaltecido como ídolo popular, confirmando o respeito nas rodas de capoeira, nas desavenças com a polícia e na maestria no ensino de sua arte.

Esse acontecimento marca um período histórico, sendo lembrado pelos pesquisadores como um rito de passagem, que distingue definitivamente uma nova era para a capoeira. Santos (1996, p. 33) diz ser Mestre Bimba um líder autêntico, o Rei Negro; para Muniz Sodré (2002, p. 11) foi “uma das últimas figuras do que se poderia chamar de ciclo heróico dos negros da Bahia”; Abreu (1999, p. 41) afirma ser Mestre Bimba “um legítimo herdeiro da diplomacia afro-brasileira”; Reis (1997, p. 97) considera Bimba “um dos heróis culturais da capoeira brasileira”; Para Caribé, “Bimba é o Lutero da Capoeira, (*apud* DECANIO, 1996, p. 161); Senna (1990, p. 36) o intitula de “mestríssimo”; e, por fim, Vieira (1996, p. 135) afirma ser Mestre Bimba “um agente de mudança”.

No anseio de difundir a Luta Regional Baiana, Bimba ousou empreendendo uma estratégia no mínimo corajosa, pois partiu decisivamente para a “luta” aliando o conceito cultural ao mito. Caminhou em direção ao seu sentido de mundo e em busca do propósito da sua existência.

A principal ferramenta de que dispunha era o seu corpo e procurou se colocar na crista da onda, ser um herói midiático e participar como uma celebridade bem humana nascido das camadas menos favorecidas de uma sociedade, para despontar ao sabor da novidade, no fluxo incessante da notícia.

Ele tinha um olhar fixo para o futuro. Guarinello (2005, p. 10) garante que os “verdadeiros mitos deslocam-se para o futuro, para objetivos a serem alcançados: desenvolvimento sustentável, diminuição das desigualdades, fim da fome, paz mundial etc.”. Bimba tinha que resistir, mostrar o valor do povo afro-descendente, a capacidade do negro, sua importância cultural, quebrar os preconceitos, participar da sociedade na sua plenitude, ser brasileiro e acima de tudo mostrar um jeito simplesmente de ser gente.

Paulo Dias (1999, p. 4) na sua monografia de conclusão de curso da Faculdade de Comunicação da UFBA, cujo tema é **A difusão da Capoeira Regional: marketing ou ritual?** Aborda essa discussão enfatizando:

Recorrências a estudiosos da indústria cultural e às citações de Stuart Hall e Roger Bastide ajudam a construir o ambiente de trocas simbólicas desencadeado pela atuação do mestre Bimba, que teve seu mérito, como difusor, no fato de ter incorporado e catalizado forças que se encontravam em evidência como elementos estruturais da sociedade baiana em processo de amadurecimento do capitalismo, de formação de uma sociedade de massa e de consolidação como pólo internacional de turismo. Bimba se colocou na crista da onda, disse o que tinha de dizer e disse. Assim ele ajudou a posicionar o negro dentro de uma ordem de importância em formação como alguém que encanta, tem alegria, força de superação, axé. Enfim, Bimba pode ter sido o pioneiro na Bahia em adaptar uma manifestação da cultura popular aos meios de comunicação de massa.

Através da Capoeira Regional, Mestre Bimba suscitou uma nova abordagem expansionista e pedagógica da capoeira: subiu no ringue, realizou apresentações, montou academia⁵⁶, estabeleceu aulas regulares, lições, turmas de alunos com horários pré-estabelecidos e uma metodologia do ensino através das seqüências e jogos diferenciados.

O mestre tinha um projeto para sua a Capoeira Regional; não tinha nada sistematizado, pois não dominava a escrita e não fora educado o suficiente para dominar as técnicas organizacionais; contudo, confiava na sua intuição, no seu ideal, na sua coragem e na sua determinação.

Na ocasião da criação da Luta Regional Baiana, ele evidencia o espírito criativo, o senso organizacional e empreendedor. Sabia que para vencer teria que arregaçar as mangas, partir para a luta, mostrar a sua capoeira para todos os segmentos da sociedade baiana com o objetivo de difundir e expandir sua arte, esporte, luta e cultura.

No primeiro momento, Bimba idealizou expor a Capoeira Regional como uma luta de grande valor, mostrando ser ela diferente da capoeira que estava sendo praticada, muito voltada para apresentações públicas no intuito de granjear a simpatia dos assistentes e angariar dinheiro para o sustento dos praticantes, os quais se esmeravam numa disputa para pegar as cédulas de dinheiro que eram jogadas dentro da roda, fazendo o máximo na disputa, pois o ponto alto era pegar o dinheiro com a boca; coisa que Bimba não concordava e até mesmo repudiava.

A reportagem publicada no Jornal *A Tarde*, de 29 de janeiro de 1946, fala da confusão que o povo da época fazia sobre a Capoeira Regional e a “capoeira da rampa do mercado”, a “capoeira do apanha dinheiro com a boca e muitas outras tolices”.

Entendia o mestre que a Capoeira Regional deveria nascer com uma outra conotação de valor, ter visibilidade diferenciada, queria ser reconhecido e respeitado pelo ofício que escolhera. Abreu (1999, p. 11) ressalta que Mestre Bimba, a exemplo de outros negros, lutava com coragem e sabedoria em busca do reconhecimento e da afirmação social da sua cultura e do seu povo. O povo negro.

Mestre Bimba parece ter se assumido como porta-voz de uma manifestação cultural que sobrevivia as escondidas, reprimida, nos guetos. Sendo negro e semi-analfabeto, mostrava-se forte e valoroso para exigir o respeito das elites, não se intimidando e afirmando ter liberdade para se situar, para falar do seu lugar, alguém dotado de poder de fascinação, que subvertia as hierarquias sociais e o sistema de exploração.

⁵⁶ A academia de mestre Bimba foi registrada em 1937, pela Secretaria de Educação Saúde e Assistência Pública do Estado da Bahia com o título Centro de Cultura Física Regional (CCFR).

Num segundo momento, ele se aventurou em lutas de ringue, desafiando os principais lutadores da época não importando o estilo; Bimba queria mostrar, definitivamente, que a Capoeira Regional era uma forma de luta eficiente e que sua criação era para valer. Tinha uma estratégia clara para divulgar sua obra como uma atividade desportiva, o que lhe conferiu uma resposta midiática através de constantes aparições nos meios de comunicação de massa, em especial os jornais.

Mestre Bimba foi privilegiado por seu corpo forte: homem alto e de grande envergadura, preparado psicologicamente para os embates e grandes desafios, um tipo atlético que chamava a atenção. Pires (2002, p. 41) diz que “essa foi uma condição pessoal imprescindível para que ele pudesse colocar a capoeira no campo de combate com outras lutas”.

Bimba tinha consciência do que fazia. Nos desafios de ringue, abdicou do lado lúdico da capoeiragem dispensando o *urucungo* (berimbau) e o pandeiro e fazendo valer o lado agonístico, a técnica e as qualidades físicas. Dizia existir um espaço privilegiado para apresentar a Capoeira Regional como arte e manifestação cultural.

10.1 MESTRE BIMBA E A DIFUSÃO DA CAPOEIRA REGIONAL

Consciente do seu projeto para a Capoeira Regional, Mestre Bimba sabia que precisava partir para divulgar a sua criação, a Luta Regional Baiana, e não mediu esforços; queria mostrá-la ao público, queria alcançar os rincões mais distantes e algumas vezes repetia, com firmeza, que criou a Capoeira Regional para o mundo. Mestre Itapoan⁵⁷ afirmou que, por diversas vezes, ouviu Bimba dizer que não criou a Capoeira Regional para ele, mas para o mundo, o que ele achava uma asserção meio megalomaniaca, mas hoje reconhece que o mestre tinha um ideal firme e pensava lá na frente.

O mestre tinha clareza do objetivo de fortalecer a Capoeira Regional ou a “Luta Regional Baiana”, aproveitando o espaço das lutas marciais, provocando outros lutadores não importando a modalidade ou estilo, pois tinha confiança na sua potencialidade e numa estratégia que podia ser considerada perfeita para a época, ou seja, apresentar seu produto, sua

⁵⁷ Mestre Itapoan (Raimundo César Alves de Almeida) em palestra proferida no Iº Congresso Baiano de Capoeira de Vitória da Conquista, em 16 de setembro de 2005.

criação, sua arte num local digno de repercussão como o Parque Odeon, na Praça da Sé, local de muita visibilidade.

Muitas vezes tive a oportunidade de ouvir as histórias do mestre. Depois das aulas, ele gostava de encostar-se à janela, fumando seu charuto, quando colocava o pé apoiado no parapeito para que a perna ficasse confortavelmente mais alta, o que era uma recomendação médica por conta do inchaço constante na perna decorrente de uma erisipela. Nós, alunos, nos reuníamos sentados no chão e, fascinados, ouvíamos as suas histórias. Entre elas, uma que denota o esforço do mestre para promover a sua invenção. Dizia ele que, em 1918, fez uma vaquinha com seus alunos para juntar sete tostões, preço que foi pago à polícia para obter uma licença especial para fazer uma demonstração do jogo da capoeira.

A partir daí, Bimba empreendeu cada vez mais a sua arte e passou a figurar constantemente nos noticiários dos principais jornais da época. Para Dias (1999, p. 23), “Bimba tinha a percepção do ambiente midiático: foco das atenções, imaginário coletivo, meios de difusão”. Salienta, ainda, que a primeira fase de difusão da “Luta Regional Baiana” foi baseada na arte marcial que era um grande chamariz”. Posso acrescentar, fundamentado nas entrevistas e documentos, que Bimba sempre esteve atento para apresentar, também, a capoeira como um componente cultural.

A reportagem publicada no *Diário da Bahia*, em 13 de maio de 1936, afirma “ser Maré, e não Bimba, o campeão de capoeira da Bahia”. Bimba refuta as alegações de Samuel de Souza, configuradas no *Imparcial*, de 12 de março do mesmo ano: “Não resta dúvida de que o Bimba é forte e ágil, porém é exagero chamá-lo de campeão baiano de capoeiragem, pois merecidamente cabe ao Maré esse título”. E segue dizendo que a capoeira introduzida por Bimba no Parque Odeon não é a legítima de Angola, pois a mesma para ser praticada necessita do acompanhamento dos instrumentos: berimbau e pandeiro. Bimba logo se prontifica a lutar pela posse da almejada faixa. Nessa mesma reportagem, ele responde às provocações, dizendo:

Não me abracei ao título de Campeão, como se este fosse propriedade minha, entretanto penso que mais merecidamente ficará elle commigo que com meu companheiro de esporte Maré, uma vez que pelos jornaes desafiei a todos os capoeiristas deste Estado e somente subiu ao “ring” o valoroso adversário Henrique Bahia que consegui derrotar ante numerosa assistência. Maré, como merecedor do título máximo, deveria apparecer naquella época e não agora no noticiário posterior. Resta porém esclarecer o seguinte A capoeira d’Angola apenas poderá servir para demonstrações rithmadas e não para lucta em que a força caracterizará a violência e a agilidade a victória. Ao som do Berimbau não podem medir forças dois capoeiristas tendem a posse de uma faixa de campeão, e isto se poderá constatar em centros mais adiantados, onde a capoeira assume aspecto de sensação e cartaz. (*sic*).

A rigor, Mestre Bimba enfatiza a sua criação, a Capoeira Regional, como capaz de preparar lutadores para enfrentar desafios nos ringues e reforça que a Capoeira Angola não serve para encontros onde o atributo que rege é a violência. Ao tempo em que destaca veementemente a questão cultural certificando que ao som do berimbau e do pandeiro os capoeiristas não poderiam medir forças, pois a capoeira revela um aspecto sensacional, ou seja, de apresentação. E mais, diz estar disposto a mostrar ao som do berimbau e do pandeiro o quanto também é bamba.

Nessa trajetória de afirmação, podemos salientar a preocupação de Bimba com os componentes culturais, a cada investida aproveitando os espaços que vão surgindo, muitos deles provocados pelos seus alunos, especialmente os universitários, os estudantes de medicina, em que ele vai se constituindo num autêntico representante da resistência negra, num defensor e propagador das manifestações culturais.

Na sua ida para Goiânia, em 1972, em uma visita para avaliar as condições que estavam lhe oferecendo, dá o seguinte depoimento:

O que me trás aqui ao Estado de Goiás, motivo este de suspender conforme já está divulgado pelo professor que é aluno meu chamado Osvaldo Souza, de maneira que não deixei minha terra por ser uma terra ruim, sim vim, por motivo de finança, quer dizer que aqui em Goiânia eu achei mais apoio do que na minha própria terra, vim ao Estado, motivo que pretendo conseguir essa escola da Capoeira Regional junto ao professor Osvaldo e *também todo folclore que existe na Bahia eu tenho vontade de botar aqui em Goiânia* (grifo nosso). (sic).

Nesse depoimento, podemos observar o interesse marcante de Mestre Bimba com as manifestações culturais da Bahia. Nas suas apresentações, existia praticamente um show completo em que a capoeira era a grande motivação, seguida do samba de roda, maculelê, dança dos orixás, candomblé e samba duro. Outro destaque do seu interesse era a exigência que um aluno explicasse a história da capoeira.

Na década de 1930, Bimba passa a ser notícia nos jornais, a exemplo do Jornal *A Tarde*, de 3 de dezembro de 1934, cuja reportagem fala do Festival Beneficente da Casa dos Mendigos, em que o mestre presta uma homenagem realizando no Estádio de Brotas. No *Diário da Bahia*, em 28 de janeiro de 1936, Bimba lança um desafio aos capoeiristas baianos; já, no Jornal *A Tarde*, de 16 de março de 1936, o título é “Mestre Bimba, campeão na capoeira, desafia todos os lutadores bahianos”.

Com as suas vitórias no ringue, o noticiário é inevitável e o *Diário de Notícias*, de 7 de fevereiro de 1936, traz o título: "O esporte nacional: no Parque Odeon, o capoeirista Bimba venceu seu forte adversário Henrique Bahia"; descreve os lances belíssimos e que o público vibrou muito: “Venceu o Bimba, que foi muito aplaudido pela assistência”.

No *Imparcial*, de 7 de fevereiro de 1936, lê-se que “A noitada esportiva no 'Stadium' Odeon: Mestre Bimba demonstrou sua ótima 'performance' derrotando o não menos valoroso Henrique Bahia, antes de findar o primeiro *round*”. A luta contra Henrique Bahia foi um sucesso o que proporcionou muitos comentários, a exemplo do que o *Estado da Bahia*, de 7 de fevereiro de 1936, publicou: “Bimba é Bamba”, considerando a ovação que teve Bimba ao subir no tablado com seu adversário Henrique Bahia; ressalta, ainda, a presença, na primeira fila, de cidadãos norte-americanos conhecedores do “*boxe*” que, impressionados, mostraram-se interessados em conhecer melhor as “letras” do desporto nacional. O jornal diz que “depois de vários minutos de jogo, cadenciado, cheio de passes e agilidade e contorções felinas, o 'Mestre Bimba' projetou, em grande estilo, o seu adversário ao chão, sob aplausos calorosos, com um pontapé no peito”.

As notícias publicadas nos jornais *Estado da Bahia*, de 23 de março de 1936, e *A Tarde*, de 24 de março de 1936, tratam sobre a luta de Bimba contra Vitor H.U., na qual este acabou se retirando, alegando que Bimba tinha posto em prática um jogo proibido, que tinha usado um “sopapo galopante” golpe da “Luta Regional Bahiana”, o que Vitor chamou de ilícito. No entanto, o Jornal *A Tarde* defende Bimba das acusações publicando a cláusula do contrato com o seguinte teor: “O Sr. Victor Benedicto Lopes esta disposto a lutar com o Sr. Manoel Dos Reis Machado, no dia 22 do corrente, a valer tudo e de acordo com o jogo do Sr. Manoel Dos Reis Machado

Dá para perceber que Mestre Bimba, na verdade, partiu para a briga e estava decidido a impor a sua Capoeira Regional, estava jogando no jogo do vale tudo para conquistar seu espaço, resistindo às pressões do ringue e, para isso, lutava não apenas contra adversários mas, principalmente, contra os preconceitos e os estigmas de uma sociedade.

Em 1º de julho de 1936, o Jornal *A Tarde* dá destaque a uma reportagem contendo a foto de Mestre Bimba com a seguinte legenda: “Mestre Bimba, famoso praxista da capoeira, numa demonstração de sua especialidade com alguns discípulos”. Mal colocada entre os números comemorativos ao Dois de Julho, este ano, a capoeira, lamentavelmente, fará parte do programa cívico”. A participação de Bimba demonstrando a sua Capoeira Regional na maior data cívica da Bahia⁵⁸ representava, de alguma forma, o reconhecimento dos poderes públicos, era uma aceitação, era uma alforria para a capoeira.

⁵⁸ Dois de Julho é considerada a data máxima da Bahia. Em 2 de julho de 1823, consolidou-se a separação política do Brasil de Portugal. Os símbolos dos heróis são o caboclo e a cabocla. TAVARES, Luis Henrique Dias. **História da Bahia**. Salvador: Correio da Bahia, 2000.

No entanto, Abreu (1999, p. 31) sobre a matéria assim se expressa:

O protesto partia de um jornal, que neste mesmo ano (1936), por mais de uma vez, já havia feito referências elogiosas ao mestre Bimba, que, inclusive, havia se exibido para o então deputado Simões Filho, fundador desse periódico. Considerando o relato do cronista Melo Moraes, o 2 de julho era (ainda é) uma festa popular: na sua véspera “*a crioula e a mulataria, aos mangotes, cantando modinhas, patrióticas e em serenatas locais desfrutavam à noite prelibando os prazeres da festança*”. Neste clima parecido com os das tradicionais festas de largo da Bahia, mesmo na época, caberia naturalmente uma roda de capoeira. Na verdade, no protesto d’A Tarde estava implícita a nova feição do preconceito racial das elites baianas, atualizada em função das conquistas sociais obtidas pelos negros, pós-abolicionismo.

Esse “reconhecimento” dos poderes públicos representa muito mais uma tolerância e concordância da livre prática das manifestações culturais de origem negra, desde que plenamente vigiada e em espaços sociais previamente determinados pelas elites estabelecidas.

Abreu, sobre o fato, diz que “quando o negro atravessava essas marcas” era considerado um intruso, um invasor o que mostra claramente o preconceito da herança da escravidão.

Diante do acontecimento e das ponderações de Abreu, deduzo que o protesto de *A Tarde* se consubstanciou fundamentado no convite especial que teve Mestre Bimba para apresentar sua capoeira, o que não era de costume. Normalmente, a roda de capoeira era formada “espontaneamente”, totalmente a margem da programação oficial, da maneira como acontecia nas festas populares. O que causou indignação foi a inserção de Mestre Bimba na programação, inclusive com destaque artístico e apresentação em coreto construído para tal fim. Através dessa apresentação, Bimba consumava um novo espaço para a capoeira.

As aparições de Bimba na mídia continuam firmes na década de 1940, o que demonstra a sua perseverança na busca da sua idealização, o que Moura (1993, p. 27) intitula de “abnegação e força de vontade”, “indiscutivelmente um pioneiro, um batalhador obstinado e incansável, apesar do descaso, da falta de colaboração dos poderes públicos em ajudá-lo, incentivando, amparando os seus esforços, para a concretização do seu objetivo”. Moura também afirma que Bimba idealizava a “fundação de um ginásio típico, específico, que seria uma arena, um palco de mestrado, de aprendizagem e de exibições capoeirísticas”.

Nessa citação de Moura dá para perceber a visão empreendedora de Bimba, que não se contentava apenas com as suas demonstrações nos tablados de lutas, queria muito mais, queria um centro de estudos, de apresentações e de cultura.

Destacaremos a seguir algumas reportagens, a primeira em *Saga – Magazine das Américas*, Salvador, Agosto de 1944. O texto traz informações sobre a roda de capoeira na “Roça do Lobo”, tendo como protagonista Mestre Bimba enfrentado um negro forte e saindo-se vencedor depois de “lances maravilhosos”. A segunda é um artigo publicada no *Ebony*

Magazin, USA, em janeiro de 1946: “Capoeira is potente weapon against brazilian muggers”, que fala da “capoeira como uma atividade imbatível no combate a salteadores e batedores”. Diz, ainda, que as armas de fogo são muito caras e por esse motivo as pessoas utilizam as facas e navalhas. Chama atenção para os alunos de Bimba: “os alunos de Bimba aprendem um rápido contra-ataque e podem manejar uma navalha tão bem com os dedos dos pés como com as mãos”. Comenta a agilidade do capoeirista e suas defesas e ataques. Justifica-se esse comentário, pois Bimba ensinava também os seus alunos a se defenderem dos diversos tipos de armas.

Em muitas ocasiões, o mestre se apresentava acompanhado dos seus alunos, a exemplo de alguns desafios e lutas na década de 1930 e nas apresentações públicas. O jornal *A Tarde*, de 7 de fevereiro de 1946, publicou uma reportagem “A Luta Regional não é meio de cavação”, que discorre sobre a visita de Bimba acompanhado de dois dos seus discípulos àquela instituição:

“Mestre Bimba” atendido pelo repórter disse que desejava dar ao público esclarecimentos acerca de sua luta, que vem constituindo desde vários anos, verdadeira ponta de lança para quantos pugilistas que aqui tem aparecido. A preocupação máxima desses profissionais é desafiar os praticantes e alunos da Regional que são, em esmagadora maioria, pessoas da nossa sociedade, inclusive médicos, engenheiros, advogados e estudantes. Todos esses rapazes, disse-nos “Mestre Bimba”, tem responsabilidades e não vão, de um momento para outro, ser atirados contra profissionais de “ring”. Até porque a minha luta foi criada como um meio, com golpes extremos, para a defesa pessoal e manutenção da integridade dos que a conhecem.

Ainda nessa reportagem, Bimba diz que seu aluno Rosendo está apto a lutar contra qualquer adversário e mais uma vez lembra que ele vive do seu trabalho e por isso pode e tem o direito de fazer qualquer exigência.

Essa reportagem teve outro forte motivo, o de Mestre Bimba colocar ponto final a uma certa desqualificação à Capoeira Regional, exortada pelo Sr. Jaime Ferreira. O mestre assim se pronunciou: que sobre as amabilidades que o Sr. Jaime Ferreira vinha tecendo ao seu Centro de Cultura Física Regional, ele não dava nenhuma importância, pois a Regional era muito mais conhecida na Bahia do que o “nobre” atacante, como vencedor de campeão brasileiro de luta-livre, técnico em jiu-jitsu, bailarino e artista”. E, dessa maneira, foi colocado um ponto final nesse embate.

Nessa década, Bimba empreendeu excursões, especialmente aos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, levando seus alunos e a Capoeira Regional para mostrá-los a quem quer que fosse.

Tudo começou quando Garrido, um dos famosos alunos de Mestre Bimba, conheceu um cantor paulista chamado Batista de Souza, que fazia uma tournée artista em Salvador (no Cabaré Tabarís) e o levou para treinar no CCFR. Daí, surgiu a idéia de levar a Capoeira Regional para São Paulo. O plano foi levado à Bimba que logo o aprovou.

Acertados os detalhes, a viagem aconteceu no dia quatro de dezembro de 1948, no navio Itapé, da Companhia Costeira do Brasil. O navio quebrou e teve que aportar no Rio de Janeiro para fazer os reparos necessários. O conserto teve a duração de nove dias, tempo suficiente para passeios e contatos na cidade maravilhosa.

Seguiram viagem para São Paulo e aportaram em Santos. Depois, o grupo foi conduzido à Academia Brasileira de Pugilismo, localizada na Barra Funda, de propriedade de Kid Jofre pai do campeoníssimo Eder Jofre, o “Galo de Ouro”. Santos (1996, p.,03) assim esclarece: “Ali conhecemos uma figura humana extraordinária, Kid Jofre, que nos acolheu com simpatia fora do comum, o que mais tarde me levou a me tornar seu amigo e grande admirador. Fizemos eu, Damião, e o Garrido uma exibição de capoeira, incluindo nela uma defesa contra faca”. A exibição foi coroada de sucesso e abriu portas, ao que Damião afirma: “Enfim, estava aprovada em primeira mão a vinda do Mestre Bimba e do restante do grupo a São Paulo”.

O grupo de Bimba foi formado por Brasilino, Clarindo, Damião, Adib, Jurandir, Perez e Edevaldo, os quais realizaram muitas lutas e apresentações com muito sucesso, o que suscitou várias reportagens n' *A Gazeta Esportiva* e jornal *A Tarde*.

Para mostrar com fidedignidade a trajetória de Bimba em São Paulo, recorreremos ao Mestre Itapoan (ALMEIDA, 1994, p. 36-43), que menciona cronologicamente em **A saga de Mestre Bimba**, todos os seus passos na excursão à paulicéia. No dia 4 de fevereiro, *A Gazeta Esportiva* noticiou que Mestre Bimba, o rei da capoeiragem na Bahia, embarcou ontem "com destino a São Paulo, a fim de se exibirem no próximo dia 8, no Ginásio do Pacaembu". No dia cinco, o mesmo jornal publica uma matéria falando da “A capoeira estilizada por mestre bimba”.

Mestre Bimba, o rei dos capoeiras da Boa Terra, que outrora foi a dor de cabeça das autoridades policiais e o terror das outras rodas de capoeiragem, se regenerou, com carinho deu estilo à capoeira, tornando-a um esporte de muita utilidade para a defesa pessoal, tanto assim que na Bahia este esporte foi oficializado. O interessante é que, para um capoeira tamanho não é documento e dizem mesmo os que praticam que quanto maior for o adversário, maior será o tombo. A agilidade é tudo na capoeira e Mestre Bimba, apesar de seus 89 quilos e de medir 1,85 de altura, é de uma agilidade incrível. Dizem os baianos que enfrentar Mestre Bimba é possível porém encontrá-lo é que são elas. Quer isso dizer, que Mestre Bimba é um azougue, e por mais ágil que seja o contendor, dificilmente o acertará (*sic*).

No dia 7, *A Gazeta* estampa a notícia sob o título “Noite de capoeira”, comentando que na quarta feira acontecerá, no Ginásio do Pacaembu, cinco sensacionais lutas de capoeiragem e Mestre Bimba também entrará na dança. No dia 8, o destaque fica sobre os “Embates entre capoeiristas” e diz que Bimba quer demonstrar que a capoeira não fica nada a dever às outras lutas, a exemplo do boxe, luta-livre ou jiu-jitsu. No dia 9, o periódico se refere ao combate entre Mestre Bimba e Adib e publica o programa das lutas. No dia seguinte, o noticiário ficou por conta do entusiasmo proporcionado pela exibição de capoeira e a vitória de Mestre Bimba, no primeiro assalto.

No dia 12, *A Gazeta Esportiva* faz a chamada enaltecendo as contendas entre os capoeiristas e os lutadores de luta-livre. “Os capoeiristas baianos aceitaram o desafio da luta-livre. Assistam hoje no Ginásio do Pacaembú”. Na seqüência da semana, as lutas aconteceram praticamente todos os dias e o jornal trouxe as reportagens contendo os combates e resultados.

Fim de temporada, o Jornal *A Tarde*, de 25 de fevereiro de 1949, publicou “Os 'capoeiristas' estão brilhando em São Paulo”, trazendo à tona os noticiários anunciados n' *A Gazeta Esportiva*, nos quais afirma que os ágeis lutadores baianos são praticamente invencíveis: 'os discípulos do famoso Mestre Bimba estão fazendo misérias em São Paulo'. A reportagem ainda traz um comentário técnico sobre as lutas e dá destaque para os capoeiristas baianos.

O Jornal *A Tarde*, em matéria publicada no dia 7 de março de 1949, enfoca o regresso de Mestre Bimba a Salvador para reabrir sua academia de capoeira. Comenta sobre a visita do mestre à redação para prestar contas da sua vitoriosa excursão. Bimba falou das várias apresentações e lutas que fizeram na capital paulista, conseqüentemente obtendo resultado muito positivo para a Capoeira Regional. Bimba se disse satisfeito, pois a capoeira foi considerada "a mais mortal das lutas, tanto assim que os seus alunos, enfrentando lutadores da luta-livre, somente puderam usar quatro golpes". Bimba disse mais, que deixou seis dos seus melhores alunos para cumprir o restante do contrato através de compromissos agendados para Santos e Rio de Janeiro.

Nas décadas subseqüentes, Bimba continuaria trabalhando no expansionismo da Capoeira Regional, mudaria o foco afastando-se das lutas e apostando na capoeira como esporte e em sua dimensão cultural.

Como já frisamos anteriormente, Bimba caminhava por muitas frentes em busca do reconhecimento. Waldeloir Rego (1968, p. 315) conta:

Mestre Bimba foi o primeiro capoeirista, na história turbulenta da capoeira, em todo o Brasil a entrar no palácio governamental e se exhibir, com seus alunos, para um governador, que queria mostrar a nossa herança cultural a seus amigos e autoridades convidados e como tal escolheu a outrora perseguida capoeira, justamente numa época em que estávamos sob um regime de ditadura violenta (*sic*).

Sobre este episódio, ou seja, a respeito do convite para Bimba ir até o Palácio do Governo relata Rego:

Mestre Bimba que de certa feita se achava ele tranqüilo, em sua academia, quando lhe apareceu um guarda do palácio, fazendo-lhe a entrega de um envelope, contendo um convite para comparecer ao palácio. Sabendo-se capoeira e conhecido da polícia, assustou-se e não teve a menor dúvida de que se tratava de sua prisão. Preparou-se, comunicou o fato a seus discípulos e avisou que caso não voltasse é porque estaria preso (*sic*).

A surpresa foi grande e o contentamento sem limites, pois o então Interventor Federal na Bahia, Sr. Juracy Montenegro Magalhães, Capitão do Exército Brasileiro, confirmou o convite para que Bimba se apresentasse juntamente com seus alunos para um grupo de amigos e autoridades.

Waldeloir Rego não se conteve e escreveu ao Sr. Juracy M. Magalhães, solicitando a confirmação da veracidade dos fatos. Juracy então respondeu por carta datada em 10 de maio de 1966, expedida na cidade do Rio de Janeiro, não apenas sustentando os acontecimentos, mas, dizendo: “Não sei se fui o primeiro a ensejar uma oportunidade igual, mas creio que, já nos dias que correm, tornou-se tradição na Bahia uma exibição dessa natureza”.

Moura (1991, p. 34) comenta que Bimba costumava rememorar essa exibição acontecida na década de 1930 e afirma que “o governante da Bahia ficou vivamente impressionado com a técnica da rapaziada e, a certa altura, entusiasmado com uma “cabeçada”, abraçou o mestre”.

O interventor Juracy Magalhães demonstrou interesse em aprender capoeira ocultamente, ao que teve a recusa de Bimba, justificando este que o treino perderia em eficiência, pois necessitava da participação de outros alunos.

Outra apresentação de Mestre Bimba que tem especial relevância aconteceu no dia 23 de julho de 1953, quando ele se exibiu juntamente com os alunos Clarindo, Carlos Senna, João Veloso, Lessa, Sena Branco, Rosalvo, Eduardo, Pedro, Mario, Demerval, Gusmão e Indiano, no Palácio da Aclamação, para o Presidente Getúlio Vargas. Nesta oportunidade, o Presidente cumprimentou Bimba com um aperto de mão e disse: “A capoeira é o único

esporte verdadeiramente nacional”. Essa apresentação transformou-se num marco histórico, pois o Presidente da República com sua política populista aproveitou o ensejo para liberar as manifestações populares, até então perseguidas pelos poderes públicos e discriminadas pela elite brasileira.

Vieira (1995, p. 70), sobre o nacionalismo e a cultura popular, cita que a partir dos anos 1930 houve um “intenso processo de apropriação das instituições do *ethos* popular por parte do Estado”. Essa apropriação deveu-se a estratégias de legitimação do sentimento patriótico, uma doutrina política da época que visava valorizar as manifestações populares como a capoeira, o futebol e o samba.

Para Vieira, “foi nesse ambiente político que Mestre Bimba emergiu como o líder capaz de traduzir para os códigos da capoeira, em suas diversas dimensões (gestuais, rituais, musicais etc), o espírito da disciplina e da eficiência que marcava a sociedade brasileira da época”. Afirma ainda que no período compreendido da década de 1930 à década de 1950 consubstanciou-se a “história da aproximação de Mestre Bimba com as instituições oficiais e seus representantes”.

Mestre Bimba sempre teve um espírito empreendedor, por isso mantinha um grupo de apresentações folclórico do qual ele vendia shows. Comprou uma casa no Nordeste de Amaralina, no Sítio Caruano, e transformou-a em um espaço para shows. Firmou contrato com as agências de viagem, especialmente uma das maiores da Bahia, a Kontik e realizava espetáculos três a quatro vezes por semana.

Nos anos 1960 tinha um contrato com a boate de Ondina, situada num lugar privilegiado, o alto de Ondina próximo ao Jardim Zoológico e nas imediações da residência do Governador. Ali, ele se apresentava em um anfiteatro localizado à esquerda de quem entra na boate. Tive o privilégio de participar de inúmeras apresentações juntamente com Bimba e seus bambas. Nesses shows, o mestre destinava uma parte do seu pagamento para um pró-labore aos tocadores, às baianas e seus alunos.

Esse dinheiro recebido de Bimba era uma farra, pois éramos estudantes e na maioria das vezes gastávamos ali mesmo nas diversões com as turistas que nos consideravam artistas de primeira linha e nos assediavam bastante.

Bimba tinha prazer e necessidade em divulgar sua Capoeira Regional, e por esse motivo não se furtava em apresentá-la nas escolas, universidades, quartéis, parques de exposições e clubes sociais.

Essas apresentações extrapolaram os limites da cidade de Salvador e Bimba arregaçou as mangas levando seu grupo para outros Estados. Já relatamos anteriormente sobre a excursão que realizou a São Paulo, Rio de Janeiro e Fortaleza, contudo vale lembrar aqui outras importantes excursões que marcaram época. Maxixi (2005, p. 35) relata uma viagem que fez com o grupo de Bimba a Aracajú, contando em detalhes essa excursão e lembrando a amizade existente entre alunos e baianas. Itapoan (2005, p. 39) destaca as apresentações realizadas por Bimba em 1969, no IIº Simpósio Brasileiro de Capoeira, no Rio de Janeiro, onde se discutiu a possibilidade de organização, nomenclatura e unificação da capoeira; nesta oportunidade o mestre ficou decepcionado com o encaminhamento das discussões pelos representantes legais da capoeira, então abandonou o evento retornando a Salvador. Outra apresentação foi para o Presidente Emilio Garrastazu Médici, em Goiânia, durante a Expo Goiás.

A viagem para Teófilo Otoni (MG) aconteceu em 1968, a convite do Rotary Club e a apresentação se deu no dia 23 de julho, no cine Metrópole, e no dia 28, na 5ª Exposição Pecuária da Cidade.

Em Vitória do Espírito Santo foram duas excursões intermediadas por Eraldo Moura Costa (Medicina), a convite da Faculdade de Filosofia. A apresentação foi no Ginásio do Serviço Social do Comércio (SESC). Recordo-me claramente da calorosa recepção dos estudantes universitários e da estreita relação entre o grupo de Bimba e os estudantes.

Três eventos merecem destaque: o primeiro foi o debate em 1968, durante a Semana do Folclore, na Escola de Música, em que Mestre Bimba compareceu com seus alunos defendendo a Capoeira Regional, afirmando que a mesma era uma tradição, pois tinha sólidas raízes. Estavam presentes duas expressões do estudo do folclore: Hildegardes Vianna e Emilia Biancardi.

O segundo, foi a festa dos cinquenta anos da Capoeira Regional, realizada na Casa de Espetáculo no Sítio Caruano. Foi uma festa original e emocionante contando com a participação de muitos alunos, calouros e formados. Além da tradicional roda de capoeira, jogamos o maculelê, dançamos o samba de roda e praticamos o samba duro. Em seguida, comemoramos com uma farta feijoada.

O terceiro, foi a “Formatura do Adeus”, que aconteceu no dia 28 de fevereiro de 1973, no Clube da Petrobrás, em Mataripe, atendendo a uma solicitação expressa de José Carlos Andrade Bittencourt (Vermelho), um dos seus alunos formados mais bem conceituados, que inclusive posteriormente adquiriu a posse da academia, no Maciel de Cima. Essa festa marcou definitivamente a despedida de Mestre Bimba da Bahia. Na ocasião, Bimba

formou sua última turma de capoeiristas em Salvador. Os formados foram Paulo Roberto M. Ramos (Chicharro), Manoel Tourinho de Santana (Durinho), Eusébio Lobo da Silva (Pavão) e Lindoufo (Papa Vento) e o orador foi o próprio Vermelho, acompanhado dos paraninfos: Itapoan e Eziquiel.

Sobre essa inusitada formatura, Itapoan (1994, p. 107) assim fala:

Nesta formatura todos viram que o Mestre não estava como de costume, sua alegria tão espontânea nestes dias não se fazia presente, Bimba tentava esconder a tristeza, disfarçá-la em brincadeiras com seus alunos, mas não conseguia, a tristeza estava estampada em seus olhos, parecia que estava faltando alguma coisa. Para o Mestre aquilo não era uma simples formatura, uma festa, porém o *Adeus à Bahia* [grifo nosso].

Estive presente neste evento que a princípio parecia ser igual a tantos outros dos quais eu estava acostumado a participar, mas existia algo diferente, posso dizer sombrio, nós estávamos ali, naquela festa, nos despedindo de Bimba e do convívio salutar dos capoeiristas da Regional, de uma família irmanada na capoeiragem de Bimba.

Ouvimos comentários de que o Rei da Capoeira deixou as lágrimas rolarem lentamente em sua face, justificando o que sempre falava: dizia não estar deixando a Bahia por ser uma terra ruim, mas porque precisava sobreviver, pois sua decisão de ir embora era prioritariamente por finanças. Disse mais ainda, “se não gozar nada de Goiás, vou gozar no cemitério”.

10.2 AS LIÇÕES DE SABEDORIA DE BIMBA

Constantemente, encontramos os alunos de Mestre Bimba falando das boas lições que marcaram a sua convivência com o mestre e a experiência vivida no Centro de Cultura Física Regional.

Esses relatos são acompanhados de histórias, de emoção, de sentimento positivo e de crescimento pessoal. São testemunhos de suas vidas, ora bem humoradas, ora de dificuldades vividas, ora de súbitas decisões. Na sua maioria, são histórias ocorridas no cotidiano e invariavelmente aventureiras.

Muniz Sodré (2002, p. 70), um dos afamados alunos de Bimba, que marcou época na academia não apenas pelo seu estilo de jogo, mas principalmente pela capacidade intelectual, foi batizado e é conhecido no meio capoeirístico por “Americano” e referindo-se sobre a sua experiência na capoeiragem Regional assim afirma: “Do curso na academia de

Mestre Bimba, de todo aquele período, ficaram-me lições “salomônicas”, dessas que se guardam para toda vida”. Ressalta ainda que “a primeira foi dada pela experiência de ver conviverem democraticamente em um mesmo espaço (de certo modo, semelhante à boa escola pública, aquela idealizada por Anísio Teixeira) rico e pobre, claro e escuro, como já disse antes gente de elite e gente da plebe.

Um momento de muita significância, guardada na memória de cada aluno de Mestre Bimba é aquele da primeira aula, quando Bimba chamava o aluno ao centro da roda para ensinar-lhe a gingar. De frente, segurava o aluno pelas mãos e dava os primeiros passos da ginga. Luciano Figueiredo (Galo)⁵⁹ disse: o mestre me ensinou a gingar para jogar Capoeira, mas continuo gingando até hoje, pois aprendi daquela lição a “arte de gingar com a vida”.

Esse ensinamento extrapola o espaço físico da roda de capoeira, ele remete o aluno a um espaço cósmico do entendimento das coisas do mundo. O gingar representa estar em constante movimento circular, de comportamento fluido e relaxado. A ginga é pessoal e permite que o capoeirista se desloque em esquivas em vários ângulos visualizando a roda como um todo em olhar periférico. Esse parece ser um comportamento sábio para viver melhor no mundo contemporâneo no sentido da convivência humana e dos desafios incessantes.

No ritual de formatura o mestre se apresentava alegre, bem humorado, descontraído e aproveitava essa oportunidade para dar conselhos aos seus formandos:

Olha, meus filhos, quando vocês estiverem andando na rua pela madrugada fiquem atentos, não dobrem a esquina junto à parede, dobrem pelo meio da rua, pois o malandro pode estar esperando do outro lado; não passem debaixo de árvore polpuda, pode ter alguém escondido na árvore lhe esperando com um paralelepípedo; se alguém lhe convidar para dormir na casa de desconhecido, durma de barriga para cima, um olho aberto e outro fechado, contando as telhas até de manhã; não demonstre para seus amigos e colegas fora da capoeira seus progressos; é muito melhor apanhar na roda do que apanhar na rua; quando for brigar com alguém não diga que vai bater nele, se aproxime conversando fiado quando estiver bem junto bata primeiro e certo; correr também é golpe; em lugares públicos não sente de costa para a entrada, não fique de bobeira para a surpresa, mantenha o olhar vigilante; e vale mais um aluno regular treinado do que um excelente capoeirista fora de forma.

⁵⁹ Informação oral, em 2005.

Decanio (1996, p. 64), dizendo do que aprendeu com Bimba, ou melhor, através das suas parábolas, lembra de uma lição importantíssima: “ficar em cima das molas”, ou seja, estar sempre atento, pronto mesmo para enfrentar o imprevisto.

Mestre Itapoan (1994, p. 74) conta que certa vez presenciou um jornalista entrevistando Bimba e ficou surpreso quando ele encostou uma caneta na boca do mestre e perguntou incisivamente “se isso fosse um revólver, qual a saída que o senhor daria?” Os alunos presentes ficaram atônitos esperando “aquela saída”, “uma espetacular esquiva acompanhada de um salto mortal e um contragolpe fatal”, porém, o mestre na sua sabedoria, simplesmente respondeu “*morria meu filho*”. A moral da história se iguala aos dizeres de Bimba: “*ter coragem é uma coisa, ser burro é outra*”. Essa era uma forma particular de Bimba mostrar aos seus que estando em desvantagem em uma determinada situação é melhor refletir e efetuar uma “retirada estratégica” do que perecer.

Uma história hilariante é a que foi publicada em *A Tarde*, no dia 10 de agosto de 1936. A nota se refere a Mestre Bimba dizendo “não ser fácil pegar um capoeirista”, frisando ainda que Bimba “livrou-se da agressão com “cabeçadas” e “rabos de arraia”. Decanio (1996, p. 70), sobre nomeou tal episódio de “A cilada da ladeira da Vila América”, famosa ladeira que liga o Engenho Velho à Av. Vasco da Gama, atualmente uma das principais vias de transbordos da cidade de Salvador.

A notícia veiculada no citado jornal menciona a ida de Mestre Bimba à Redação com a finalidade de esclarecer a agressão que sofreu por um grupo de soldados da Polícia chefiado por um guarda da Inspetoria conhecido pelo vulgo “Barra-Preta”, quando praticavam desatino agredindo um rapaz sem motivo declarado. Bimba saindo em defesa do rapaz foi injuriado, contudo conseguiu sair ileso justamente por ter se defendido usando da capoeiragem.

Bimba afirmou na Redação que o grupo estava embriagado e avançou contra ele, que se protegeu correndo até uma ribanceira onde ficou acuado. Sem saída, o mestre dominou o chefe jogando-o despenhadeiro abaixo, os outros soldados ao verem o seu comandante caído logo correram ao seu encalço para ajudá-lo.

O comentário que corre até os dias de hoje é que Mestre Bimba derrotou numa briga um batalhão de Polícia. Foi uma vitória da esperteza, da sagacidade, da habilidade capoeirística e da genialidade de Bimba.

Mais uma vez Itapoan (1994, p. 67), Decanio (1996, p. 70) e Sodré (2001, p. 72) chamam a atenção para as lições de Bimba considerando que ele costumava transmitir conhecimentos para seus alunos por meio de aforismos.

Bimba tinha uma prontidão sempre bem humorada para expressar o pensamento moral, possivelmente uma virtude pessoal. Atento aos comentários ou acontecimentos dentro do seu espaço pedagógico estava constantemente declamando seus ditados em momentos oportunos: *“O lutador e o instante é que fazem a luta; importante não é a velocidade é o golpe de vista; não gosto de junta mole demais; a fruta só dá no tempo; bananeira não dá caju; se conhece o bom capoeirista pela ginga; se ele se julgar um bom apenas com a Formatura, está perdido; vamos s'imbora, quem marcou o pior não se engana; capoeira também se aprende de oitiva; e quem quer aprender a costurar tem que se furar na agulha”*, apenas para citar alguns.

A rigor, Mestre Bimba baseava seus ensinamentos no universo da realidade vivida por ele, nos acontecimentos do seu dia-a-dia. Em uma época onde as pessoas costumavam andar a noite pelas ruas mal iluminadas e por não existir transporte em todos os horários, principalmente os noturnos, em que os bondes e as marinetes⁶⁰ eram os meios preferidos e quando as árvores existiam em abundância e faziam parte da arquitetura da cidade.

Nos ensinamentos da Capoeira Regional, aprendemos a dar a “volta ao mundo”; praticávamos essas ações na roda girando nela quando cansados ou simplesmente como estratégia para um novo jogo, uma nova situação. Na prática, utilizávamos principalmente da surpresa desferindo um golpe inesperado em instantes diversos, exigindo do companheiro de jogo uma reação imediata adequada para aquele momento. A grande lição tirada dessa atividade é entender que o “mundo dá muitas voltas”.

Esses ensinamentos e tantos outros, alguns sutilmente passados no processo de ensino-aprendizado, instigavam o aluno a estar vigiando o ambiente permanentemente, além de despertar uma prontidão consigo mesmo no sentido de vivenciar intensamente o presente e vislumbrar um futuro melhor.

Nas minhas investigações pelos depoimentos baseados na história vivida com cada um dos alunos de Bimba, constatei a unanimidade em afirmarem que as lições foram incorporadas de maneira marcante, inclusive influenciando no estilo e filosofia de vida de cada um.

⁶⁰ Tipo de ônibus usado para transporte público de passageiros.

10.3 A VIDA PRIVADA DO MESTRE

Mestre Bimba chamava atenção por onde passava. Era logo distinguido pelo porte atlético que possuía expressado em 1,90 metros de altura e 90 quilos de músculos fortes, longos e delineados. Essa figura imponente de andar firme era muito cobiçado pelas mulheres.

Fala-se que as mulheres ficavam irrequietas e se cutucavam quando aquele negro vistoso passava diante delas. Sempre bem vestido, usando traje branco que realçava seus músculos e avivava sua elegância. Costumava cumprimentar a todos demonstrando segurança e altivez.

Bimba teve vinte e uma mulheres quase que simultaneamente, reproduzindo um costume da poligamia admitido pelos povos iorubás. Na cultura iorubá era permitido um homem ter várias esposas e isso lhe credenciava a conquistar a liderança, porque se partia do pressuposto segundo o qual sendo ele capaz de cuidar da família e da comunidade, poderia então assumir o comando da nação. Segundo Felix Ay-oh'omidire, da Universidade de Ifé, “quem sabe lidar com as mulheres sabe lidar com o mundo”.

Existem poucos estudos sobre as mulheres que abordaram o coração de Bimba. Três trabalhos dão destaque a esse assunto: o primeiro é o livro **Mestre Bimba: corpo de mandinga**, de Muniz Sodré, publicado em 2002; o segundo, **Memórias da Bahia II**, publicado pelo *Correio da Bahia*, em 2003; e o terceiro, o recente filme **Mestre Bimba: a capoeira iluminada**, de Luiz Fernando Goulart.

Muniz Sodré (2002, p. 96) testemunha que:

Mãe Alice não esconde: “Bimba era um homem de muitas mulheres, e sem maiores esforços, porque era muito bom amante”. Sem contar as inúmeras aventuras e flertes, ela afirma ter sido a vigésima primeira mulher dele. Isso significa que foi a de número 21 das que viveram ou tiveram uma ligação mais forte com ele.

Era muito ciumento de todas, principalmente dela, filha de Iansã com juntó de Obaluaiê e Oxum, que ele chamava carinhosamente de Liu. Costumava gastar tudo o que ganhava com suas mulheres, às quais dava presentes, e fazia questão de vesti-las muito bem.

Convivi com Mãe Alice (Alice Maria da Cruz) no período de 1966 a 1972. Ela sempre estava com o mestre no CCFR, ajudava a atender os alunos e ganhava uns trocados lavando a nossa roupa de treino. Para nós, alunos, era um *status* autorizar Dona Alice a lavar e organizar nossa roupa de capoeira. Era uma certeza ir para a academia treinar e saber que lá estava a nossa calça branca de pano de vela, meia perna, lavada, passada e pronta para o

treino. Dona Alice também costurava as calças e preparava escudo e camisa. Tinha uma postura serena com um ar de protetora sempre pronta para nos atender em qualquer que fosse a dificuldade. Nesse período de convivência nunca presenciei uma rusga sequer, nem com o mestre nem com os alunos.

Assim também era o seu comportamento no Sítio Caruano nos dias de shows, das festas de batizado e formatura. Durante as apresentações estava à frente das baianas, ocupada na organização para que tudo saísse impecável, “talvez uma exigência de Bimba”.

Mãe Alice participava da apresentação folclórica, apresentava o candomblé, a dança dos orixás e o samba de roda. Antes, porém, incensava o ambiente com um incensador de barro afastando mal olhado, sentimento ruim, mau espírito e liberava a boa energia, a sorte e a proteção. Nessa hora, todos os alunos buscavam os bons fluídos colocando as duas mãos com as palmas voltadas para baixo.

Presenciei muitas vezes, no final da festa no Sítio Caruano, Bimba chamar Nenel e Demerval “Formiga”, seus filhos menores, para ficarem ao seu lado na casa de uma de suas mulheres, tudo dentro da maior simplicidade, naturalidade, segurança e ordem.

Como disse Muniz Sodré “não é cômodo precisar a ordem das mulheres oficiais de Bimba”, por esse motivo apenas nos reportaremos àquelas mais conhecidas, que tiveram maior influência sobre ele.

A única que levou Bimba até o altar para o casamento no religioso, consagrado na Igreja Senhora Santana, no Rio Vermelho, foi Anita Waldemira Santana, que casou quando tinha seus 17 anos, porém o casamento não foi homologado no civil. Com ela, Bimba teve duas filhas, Helenita e Creuza.

Como era um homem ciumento, não admitia que sua mulher conversasse com vizinhos e esse foi o motivo da separação: “*um dia voltando para casa, ele me viu conversando na janela com um vizinho e aí não deu mais certo*”, disse Anita.

Dona Berenice Conceição do Nascimento se separou de Bimba logo após a chegada no harém de Dona Alice. Assim disse ela: “*Era muita mulher, muita confusão e como não gosto disso, aí eu deixei para elas*”. Mãe de Nenel e Nalvinha que, após a separação, Bimba os entregou à mãe Alice para serem por esta criados. Nenel se reporta a esse fato dizendo: “sou um dos caras mais ricos do mundo por ter duas mães”.

Dona Nair, mãe de Demerval dos Santos Machado, que foi contemporâneo de academia juntamente com Nene e Nalvinha, disse que o mestre era muito ciumento: “*minha mãe não podia usar blusa de alça, tinha que ter manga, senão ele não gostava*”. Dona Nair foi a companheira que acompanhou Bimba até a sua morte em Goiânia.

Mais uma vez, o documentário "Mestre Bimba: a capoeira iluminada" retrata com propriedade as mulheres de Bimba, quando consegue reuni-las para um bate papo, sendo o assunto em pauta a convivência com Bimba.

Elas estavam muito tranqüilas durante a conversa. Enfatizaram a atenção que Bimba tinha com elas e com os filhos e chegaram a afirmar que o mestre não admitia que trabalhassem na rua e que gostava de apreciá-las bem vestidas. Dona Alice disse na oportunidade que Bimba tinha o hábito de fazer surpresa convidando-a a ir ao centro da cidade e lá visitavam as lojas onde a presenteava com roupas e sapatos.

Nesse encontro ficou patente que a ciúmeira ainda persiste. Em algumas conversas, elas se alfinetaram apesar dos anos e da morte de Bimba em 1974. Mãe Alice, a mais jovem, parece ser o principal pivô desse sentimento de amor.

Dos filhos de Bimba nos reservamos o direito de citarmos nesse trabalho aqueles mais representativos, mesmo porque foram tantos que não se sabe ao certo por onde andam.

Manoel dos Reis Machado Filho (Crispim) foi contramestre de capoeira. Teve uma atuação destacada ajudando Bimba no CCFR. Foi integrante do grupo folclórico, tendo participado em 1956 da viagem ao Rio de Janeiro. Participou do filme *Vadiação*, produzido por Alexandre Robatto Filho, em 1954. O referido filme foi rodado no cenário organizado no antigo Cinema Guarani, hoje Glauber Rocha, na Praça Castro Alves.

Luiz Lopes Machado (Melodia), 43 anos, é filho de Bimba com Dona Nair. Foi para Goiânia e lá reside até hoje. É mestre de capoeira desenvolvendo seu trabalho em escolas públicas e academias. Das lembranças do pai, destaca, além do aprendizado da capoeira, outros que ficaram enraizados para toda a vida, como fazer pipas e balões. Luizinho, como é conhecido, é um autêntico defensor da Capoeira Regional e, lembrando do pai, afirma: “*consigo sentir o cheiro dele*”.

Durvalina dos Santos Machado, conhecida na Capoeira Regional como “Biloca”, foi uma destacada integrante do Grupo Folclórico de Mestre Bimba e participou das principais excursões do grupo, integrando o elenco do filme **Dança de Guerra**, de Jair Moura, em 1969. Bilosca, hoje, é Mãe de Santo responsável por um Terreiro de Candomblé em Goiânia.

Marinalva Nascimento Machado, “Nalvinha”, 43 anos, foi batizada na Capoeira pelo cognome de “Rosa Rubra”, mas afirma que o apelido não pegou, pois que os alunos de Bimba sempre a chamaram carinhosamente de Nalvinha. Ela aprendeu capoeira em condições adversas, quando não existiam mulheres praticando Capoeira pelo forte preconceito e pela dificuldade de acesso ao CCFR, que funcionava no antigo Maciel de Cima, onde existia um meretrício. Logo, o acesso de garotas, inclusive ela uma criança de nove anos era praticamente impossível. É auxiliar de enfermagem, porém seu gosto pela capoeira falou mais alto e retornando de Goiânia resolveu se juntar a Nenel, por volta de 1980. Na Fundação Mestre Bimba ela atua na função de secretária organizando os projetos, auxiliando nas aulas, atendendo pessoas, agendando shows e assumindo a instituição na ausência do Mestre Nenel. Ministra cursos de Samba de Roda, sua verdadeira paixão, e participa ativamente da roda de capoeira da turma de Bimba, mas afirma: “jogar capoeira me enche de saudade de meu pai”.

Demerval dos Santos Machado, filho de Bimba com Dona Nair, conhecido pelo apelido de “Formiga”, faleceu em 2003. Capoeirista, mestre de capoeira, eletricitário e sindicalista, foi um dos mentores da Fundação Mestre Bimba. Personagem marcante nas discussões sobre a capoeira, politizado, representou a família de Bimba nas homenagens outorgadas ao mestre, a exemplo do título de *Doutor Honoris Causa Post Mortem*, da Universidade Federal da Bahia e da Medalha Tomé de Sousa, uma comenda importante da Câmara Municipal de Salvador.

Manoel dos Nascimento Machado, “Nenel”, 46 anos, filho de Berenice e irmão de “Nalvinha”, apelido de batizado no CCFR “Pererê”, mestre de capoeira considerado como um guardião do legado de seu pai. Ministrou aulas de capoeira em Brasília durante dois anos. Atualmente é o presidente da Fundação Mestre Bimba. Foi fundador dos Filhos de Bimba, escola de capoeira, entidade que tem como finalidade resgatar, preservar e perpetuar todo o legado de seu patrono. No comando da Fundação, desenvolve o Projeto Capoeirê destinado a atender crianças e adolescentes carentes em situação de risco. Também promove shows culturais abordando os principais temas das manifestações culturais baianas na sua forma mais autêntica e realiza intercâmbio com outros países promovendo e mostrando a Capoeira Regional como uma autêntica manifestação cultural de feitiço educativo.

Durante o breve discurso na festa do Zumbimba, realizada no 20 de novembro de 2005, no Forte da Capoeira, Nenel assim falou: “muitas pessoas duvidavam da minha capacidade para ensinar capoeira, ou seja, dar continuidade ao trabalho de meu pai”; e ainda complementou: “algumas pessoas falavam que meu pai não preparou nenhum de seus filhos para continuar a sua obra”. Nessa comunicação, Nenel parecia desabafar uma mágoa ainda

enraizada no peito e anunciar claramente para os presentes que está pronto para cuidar da Capoeira Regional de Bimba.

10.4 TÍTULOS, PRÊMIOS E HOMENAGENS

Muitos capoeiristas da atualidade têm a necessidade de conhecer mais de perto a obra de Mestre Bimba e, por esse motivo, são impelidos pela ansiedade de compreender cada vez mais sobre esse homem, símbolo da capoeiragem baiana.

Tais capoeiras não medem esforços em sua inquietude de entender como Mestre Bimba, um homem sem educação formal, que mal sabia assinar o próprio nome, contudo provido de genialidade, conquistou um lugar de destaque, passando a ser considerado referência quando se trata de educação, cultura e resistência afro-descendente.

Ao longo de sua trajetória de vida, Bimba sempre foi ovacionado por sua ousadia, feitos e realizações, todavia ele não contava devidamente com o reconhecimento que almejava dos poderes públicos baianos, o que lhe causava desapontamento e desgosto. Reconhecimento esse que vem ocorrendo *post-mortem*, a exemplo dos títulos e homenagens.

Jair Moura (1993, p. 37) relata com a propriedade de quem participou de perto dos acontecimentos:

Em 1956, integrei delegação, chefiada por Mestre Bimba, que excursionou às cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. No Rio, onde Bimba foi homenageado pelo prefeito Negrão de Lima, fizemos uma exibição na Associação Brasileira de Imprensa. Em São Paulo, atuamos três vezes na TV Record, com numerosa assistência, lotando as suas dependências, e demonstrando seu entusiasmo com aplausos prolongados. As autoridades paulistas também homenagearam Bimba, que foi agraciado com a medalha de “Honra ao Mérito”.

A Prefeitura Municipal da Cidade do Salvador, através do Decreto 5.099, de 24 de fevereiro de 1977, expressa no seu Art. 2º que "A rua do Nordeste, citada no artigo anterior, passa a ser denominada de RUA MESTRE BIMBA. A rua tem o código 1096 com seu início na Rua Norte e término na Rua Leste no Bairro do Nordeste de Amaralina".

Consta na justificativa do Decreto:

Considerando que o Sr. MANOEL DOS REIS MACHADO, conhecido como Mestre Bimba, primeiro responsável pela oficialização da capoeira como instrumento de educação física, por sua contribuição para o enriquecimento do nosso folclore, é uma individualidade de indiscutível expressão, não só no âmbito local como nacional.

O Shopping Iguatemi, uma das mais importantes instituições comerciais da Bahia, homenageou Bimba atribuindo uma placa com seu nome em uma das mais movimentadas alamedas internas.

A Prefeitura Municipal de Salvador mais uma vez homenageia Mestre Bimba com um obelisco em forma de berimbau, contendo insígnia de bronze com o rosto de Bimba; situada na Praça do Capoeirista, popularmente chamada de Praça Mestre Bimba, situada no final do bairro do Rio Vermelho e no início de Amaralina, precisamente no início da Av. Amaralina. Hoje, esse local é por demais freqüentado por capoeirista do mundo inteiro que vêm prestar sua singela homenagem. É comum os mestres de capoeira reunirem seus alunos e, no local, prestarem homenagem realizando rodas de capoeira, fazendo a limpeza local e contando em tom de aula a história do grande mestre.



Figura 3 - Obelisco mestre Bimba

A Universidade Federal da Bahia (UFBA) outorgou, no dia 12 de junho de 1996, o Título de *Doutor Honoris Causa (post-mortem)* a Manoel dos Reis Machado, Mestre Bimba, por reconhecer nele o valor de educador, uma personalidade baiana que extrapolando as rodas de capoeira contribuiu de maneira relevante para expandir no cenário nacional e internacional a cultura baiana.

A solenidade foi celebrada no Auditório da Reitoria da UFBA, sendo incluída na programação do seu cinquentenário. Compuseram a mesa: Reitor Luiz Felipe Perret Serpa; Paulo Brandão, substituto eventual do Vice-Reitor; Iracy Picanço, Diretora da Faculdade de Educação; Dona Alice, esposa do Mestre Bimba; Helio José B. Carneiro de Campos (Mestre Xaréu), professor da FAGED e proponente do doutorado honorífico e, ainda, Demerval S. Machado, Formiga, filho de Mestre Bimba.

Em agosto de 1996, a Câmara Municipal de Salvador concedeu a Mestre Bimba a Medalha Thomé de Souza, *post-mortem*, nos termos da Resolução nº 1.291/96, de autoria dos vereadores Odiosvaldo Vigas e Pedro Godinho. A solenidade foi realizada no dia 19 de setembro, no Plenário Cosme de Farias. A sudação foi feita por Eraldo Moura Costa, Mestre Medicina, e recebeu a importante comenda em nome da família o filho Demerval dos Santos Machado, Formiga.

Recentemente, ou seja, no dia 8 de novembro de 2005, Mestre Bimba recebeu outra homenagem póstuma do Ministério da Cultura do Governo Brasileiro, intitulada Ordem do Mérito Cultural. Considerada uma das mais importantes condecorações do Governo Federal, essa insígnia honorífica foi instituída pelo Ministério da Cultura, em 1995, e tem a finalidade de tornar público o empenho de pessoas que se destacaram no desenvolvimento da cultura brasileira. Mestre Nene, filho de Bimba, foi quem recebeu a insígnia na solenidade realizada no Palácio do Planalto, em Brasília, na presença do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva e do Ministro Gilberto Gil.

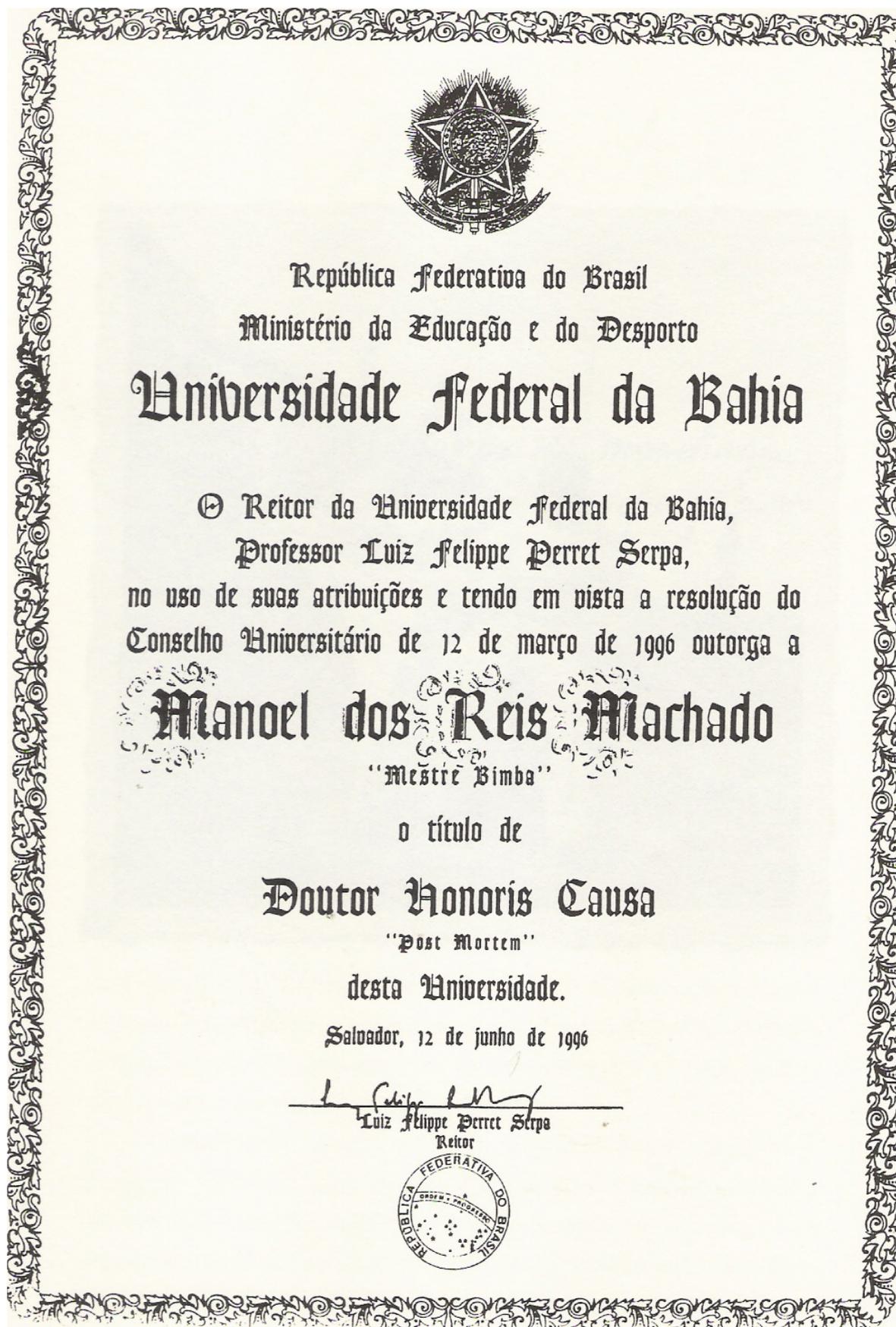


Figura 4 - Diploma de *Doutor Honoris Causa* da UFBA.

Em homenagem ao centenário de Bimba o Sindicato das Empresas de Transporte de Passageiros de Salvador (SETPS) criou, em dezembro de 1999, um vale-transporte de cor laranja, constando na frente a foto do mestre e no verso uma rápida biografia. Por certo, essa iniciativa popularizou ainda mais a imagem de Mestre Bimba e foi uma maneira de reconhecer e valorizar um homem do povo.



Figura 5 – Vale-transporte da SETPS.

As homenagens póstumas consistem de biografias, literaturas de cordel e textos publicados em revistas especializadas. Nas biografias, chamamos atenção para os livros: **Bimba: perfil do mestre** e **A saga do Mestre Bimba**, de Raimuindo César Alves de Almeida, Mestre Itapoan; **A herança de Mestre Bimba**, de Angelo A. Decanio Filho; **Mestre Bimba: a crônica da capoeiragem**, de Jair Moura; **Mestre Bimba corpo de mandinga**, de Muniz Sodré; **Bimba é bamba: a capoeira no ringue**, de Frederico José de Abreu; e **Bimba, Pastinha e Besouro de Mangangá: três personagens da capoeira da Bahia**, de Antonio Liberac C. Simões Pires.

A coleção **Memórias da Bahia II – Bimba o Rei Negro**, do *Correio da Bahia*, editado em 2003, teve como objetivo resgatar personalidades que tiveram papel preponderante na construção da história da Bahia e que marcaram com sua presença, trabalho e legado, a cultura do nosso Estado.

O destaque dessa coleção vai para um grupo de jovens jornalistas premiados em concursos de reportagens promovidos por diversas entidades, que prima pela apuração séria das informações e respeito com a verdade histórica.

O *Correio da Bahia* iniciou sua homenagem aos grandes nomes da cultura baiana com o caderno dominical intitulado *Correio Repórter*, no qual homenageou Mestre Bimba, no dia 14 de setembro de 2003.

Na literatura de cordel, o notável artista Bule-Bule diz que “Bimba espalhou a capoeira nas praças do mundo inteiro” e nos seus versos ressalta a história do mestre:

Dizem que a árvore do bem
Tem galhos pra todo lado
Dá sombra pra todo mundo
O fruto é bem procurado
E dá produto excelente
Quando industrializado

Manoel dos Reis Machado
É nossa árvore do bem
Nosso grande mestre Bimba
Nome que até hoje vem
Famoso na capoeira
Por não perder pra ninguém

Luiz Gonzaga foi rei
Cantando mulher rendeira
Pelé foi o rei da bola
Com meião e com chuteira
E Mestre Bimba sem dúvida
Foi o Rei da Capoeira

Adeus Planalto Goiano
Adeus Bahia altaneira
Adeus a Roça do Lobo
A Liberdade, a Ribeira
Adeus, adeus Mestre Bimba
Nosso Rei da capoeira

Vale salientar que praticamente todas as publicações, livros, monografias, dissertações e teses que tratam da capoeira acabam citando de alguma maneira o Mestre Bimba e a Capoeira Regional, e entendemos ser essa deferência uma consideração e reconhecimento ao legado de Bimba.

Com a expansão da capoeira vieram os negócios, principalmente o comércio de abadás, calças, camisas, cordéis, instrumentos, CD-Rom's e DVD's. Os grupos de capoeira e seus mestres passaram a produzir músicas e gravá-las, as quais retratam os velhos mestres e Bimba é um diferencial nesse contexto, ele é cantado em verso e prosa por todos os grupos de capoeira independentemente do seu estilo.

Mestre Camisa assim canta em Mestre dos Mestres.

Manoel dos Reis Machado (*bis*)
 Foi embora e nos deixou
 Deus lhe ponha em bom lugar
 Pois é merecedor
 Foi o rei da capoeira
 Foi ele quem me ensinou
 Ele foi o Mestre dos Mestres
 Meu Mestre que Deus levou
 Se não joga mais na terra
 Pode lá no céu jogar
 Com Traíra e Besouro
 Aberrê e Waldemar
 Ele foi rei aqui na terra
 E hoje é rei em outro lugar, Camará
 Iê viva meu Mestre
 Iê quem me ensinou
 Iê a Capoeira
 Iê dá volta ao mundo.

Mestre Bimba tem sido homenageado de outras maneiras. Recentemente foi a vez do diretor Luiz Fernando Goulart e a Lúmen Produções de prestar tributo através do filme de longa metragem (80min.) intitulado **Mestre Bimba: a capoeira iluminada**, película inspirada no livro **Mestre Bimba: corpo de mandinga**, de autoria de Muniz Sodré. O filme é um documentário com característica biográfica, repleto de detalhes da trajetória de vida de Bimba. É emocionante.

O filme começa apontando para o sucesso, sendo apresentado na XXXº Jornada Internacional de Cinema da Bahia, e foi o único filme com lotação esgotada que mereceu uma sessão extra. No Festival do Rio 2005 e na Mostra de São Paulo, obteve o maior público em documentários com três sessões esgotadas. Esses números mostram o interesse do povo brasileiro por filmes biográficos de personalidades brasileiras oriundas do ambiente cultural do país.

Um outro filme de relevância ímpar é o curta metragem **Dança de Guerra**, produzido e dirigido por Jair Moura, em 1969. A película tem como finalidade retratar o cerne da Capoeira Regional, mostrando Mestre Bimba no terreiro de candomblé de Mãe Alice, a roda de capoeira e seu ritual, o jogo da regional, Capoeira Angola, samba de roda e depoimentos de Bimba.

O filme **Vadição**, de Alexandre Robato Filho, rodado em 1954, no Cine Teatro Guarani, registra a beleza e o ritual do jogo de capoeira, mostrando em detalhes os golpes, chamadas, indumentárias, toques de berimbau, músicas e os principais mestres da época. A trilha sonora foi feita por Mestre Bimba.

Vale salientar que as principais e verdadeiras homenagens a Mestre Bimba acontecem a todo instante em qualquer roda de Capoeira, quer seja na rua, na academia, no meio estudantil, no Brasil ou mesmo no exterior. Nessas rodas, são cantadas músicas que são verdadeiras louvações, além das conversas capoeirísticas, nas quais invariavelmente se comentam sobre histórias e lições de Bimba.

10.5 BERIMBAU, ATABAQUE E VIOLA

Mestre Bimba era músico por excelência: tocava berimbau, atabaque, pandeiro e viola como poucos. Para Muniz Sodré (2002, p. 77), “um dos maiores tocadores de berimbau de toda história da capoeira e também tocador de viola sertaneja em sua casa”. Itapoan (1994, p. 77) afirma ser Mestre Bimba um artista que construía seus próprios instrumentos: pandeiros, atabaques e berimbaus cuidando de maneira especial deles com arte e carinho.

O berimbau de Bimba era coisa sagrada. Poucas pessoas tinham acesso ao instrumento, somente com sua expressa autorização e apenas alguns tocadores e raros alunos de sua inteira confiança. O berimbau utilizado nas aulas ficava preso na parede, no alto, próximo ao banco no qual Bimba costumava sentar para comandar a roda. Ninguém ousava pegá-lo nem pedi-lo emprestado.

O mestre tinha um cuidado meticuloso na sua confecção e seguia um ritual que explicou em detalhes no filme *Dança de Guerra*:

A madeira era tirada no mato, com quinze dias depois de seca, a madeira chamada beriba, então se pega um pedaço de couro, pega o arame, passa cera e verniz. Não é como o berimbau de angola que eles tiram a madeira verde, pintam e vendem aos turistas como um bom berimbau, o verdadeiro berimbau é os que eu faço (*sic*).

Itapoan explica o processo artesanal de Bimba e lembra de curiosidades que definiam o berimbau construído por Bimba como o melhor:

- a) Mestre Bimba era carpinteiro, um “carpina” com gostava de dizer;
- b) a biriba era cortada, descascada e deixada para secar atrás da porta;
- c) o arame era retirado de pneus velhos sem queimá-los;
- d) a cabaça era aberta com faca amolada, tiradas as sementes, lixada e experimentada no berimbau;
- e) a verga era encerada com cera especial (pó da cabaça, açafraão e cola); e
- f) por fim, era todo envernizado.

Vale ressaltar que o mestre não aceitava o berimbau pintado e tinha verdadeira desconfiança dos berimbaus vendidos no Mercado Modelo. Dizia que o berimbau pintado, todo colorido, perdia a voz. Era pra enganar turista.

Com a experiência de carpinteiro, o mestre também fazia os pandeiros com a madeira forte e flexível do jenipapo e o couro do bode. O pandeiro era afinado no fogo. Antes das apresentações, juntávamos jornal velho, ateávamos fogo e colocávamos o pandeiro aos poucos na quentura e íamos experimentado até achar a afinação. Os atabaques eram utilizados no candomblé e nas apresentações marcando o ritmo do maculelê e a dança dos orixás.

Fazia gosto ver Bimba tocar o berimbau, tocava com elegância, descontração, o som era limpo, podia-se ouvir cada nota que se amplificava junto com a emoção. Nós, alunos, éramos impelidos a entrar na roda para jogar capoeira embalos pelo som mágico daquele arco musical. Os alunos ficavam embevecidos no toque da “Iuna” e não raros eram aqueles que se diziam estar arrepiados e emocionados. Até hoje isso acontece.

No atabaque o mestre era divino, dava um show à parte. Quando tocava o maculelê com som forte, ritmado, preciso e alucinante impulsionava a todos; assim, também, era no candomblé.

A orquestra da Capoeira Regional é composta por um berimbau e dois pandeiros. Mestre Bimba, justificava dizendo que o berimbau é quem comanda o ritmo do jogo e os jogadores precisam ouvir e sentir o seu som por inteiro para se encaixar na roda e viverem o jogo na sua plenitude.

10.6 MESTRE BIMBA, O COMUNICADOR

Como já falamos anteriormente, Mestre Bimba era uma pessoa que não teve estudo formal, mal sabia escrever para garantir a própria assinatura nos documentos pessoais. Porém, era possuidor de um carisma e sabedoria ímpar.

Sempre me impressionou a maneira como Bimba se comunicava, quer seja com seus alunos, quer seja com estranhos, quer seja apresentando o show folclórico ou nas festas de batizado e formatura.

Ele tinha um jeito próprio de se comunicar, era um homem da oralidade, parecia distinguir com clareza cada momento da sua interferência com pessoas ou grupos. Era de uma perspicácia sem igual acompanhada do bom humor e extraordinariamente realista.

José Carlos Andrade Bittencourt (mestre Vermelho) contava uma passagem muito interessante sobre um jogo de capoeira entre mestre Caiçara e mestre Bimba. Dizia que, certa ocasião, num dia de formatura, mestre Caiçara apareceu no Nordeste de Amaralina para desafiar Bimba. Caiçara era tirado a esperto, brigador e gostava de tumultuar o ambiente. Era o seu jeito de ser.

Bimba se sentiu ofendido e mesmo desrespeitado com aquela atitude de Caiçara, um autêntico representante da Capoeira Angola. Os alunos ficaram em reboição e queriam tirar satisfação daquele ato inconseqüente do famoso capoeirista, todavia, Bimba disse que esperassem e tivessem calma. No final da formatura, Bimba convidou o “desafiante” para o pé-do-berimbau e, conseqüentemente, entrar na roda. Logo na saída de “aú”, Bimba desferiu e acertou uma violenta “benção” que atingiu o rosto do desafiante partindo-lhe os lábios e o nariz. O brigador retrucou indagando: *que é isso mestre?* E bimba, calmamente, respondeu em alto e bom som, firme como uma pedra, seco, rasteiro e em tom sarcástico: *é pé*.

Esse episódio retrata muito bem o realismo de Bimba, possivelmente uma maneira “pura” de comunicação direta, convincente, oportuna e humorada que denota o caráter firme dos grandes homens.

Presenciei muitas apresentações do grupo folclórico de Mestre Bimba e ficava encantado observando a maneira singular com que o mestre se comunicava, despertando atenção da platéia, muitas vezes de turistas estrangeiros, os quais ele fazia delirarem com o seu jeito de ser.

Bimba na sua maneira de comunicar aproximava as pessoas transformando-as mutuamente, usando os signos no sentido de liberar cada um de si mesmo e convidava todos a compartilharem experiências, idéias e sentimentos.

Ele se comunicava de diversas maneiras: quando tocava o berimbau, cantando, tocando atabaque e falando diretamente com seu público. Para Dias (1999, p. 28), Bimba já operava vários recursos de comunicação: o contato com a imprensa, a oratória nos cerimoniais, os discursos, os convites de formatura, murais, quadros de avisos, fotos, recortes de jornais e quadros de formatura.

Internamente, o talento de comunicador se fazia notar. Nas aulas, as interferências eram providenciais, bem oportunas, pontuais, muitas vezes sinalizadas apenas com um olhar, uma palavra, um gracejo, o tom do berimbau ou mesmo um toque corporal. As histórias representavam uma faceta marcante nesse contexto, porque eram contadas com desenvoltura, ar de mistério e realismo atraindo especial atenção dos alunos. A comunicação de Bimba, portanto, confunde-se com sua própria vida e a experiência da oralidade.

Nas festas de batizado e formatura apresentava-se imbuído de um ar de soberano, de líder, de contador de histórias fazendo gracejos com todos os presentes e interagindo facilmente com as pessoas sem deixar entrar na intimidade.

Certa feita, no final da década de 1960, durante a Olimpíada Baiana da Primavera, estava no grupo de Bimba participando da apresentação no Ginásio Antonio Balbino e o mestre tinha sido convidado para fazer a abertura das competições do folclore. O ginásio estava lotado, fazia muito barulho e então mestre Bimba pegou o microfone e começou a falar da sua Capoeira Regional, contando histórias. No mesmo instante o silêncio se fez presente para ouvir Bimba que em seguida pegou o berimbau e chamou os alunos para uma roda e envolveu aqueles 6.000 espectadores numa grande roda de capoeira cantando e batendo palmas. Bimba conquistou aquela platéia e no final do show foi ovacionado longamente. Esse episódio me impressionou sobremaneira e, hoje, passados 37 anos ainda reside na minha memória claramente.

10.7 A DESPEDIDA DE BIMBA: *VAMO S'IMBORA CAMARÁ!*

Mestre Bimba andava descontente com os poderes públicos baianos. Achava-se explorado e que não tinha o reconhecimento esperado. O governo do Estado pelos seus órgãos de fomento ao turismo sempre usava o seu nome e a capoeira para divulgar e promover o turismo baiano.

Decanio (1996, p. 127) sobre a viagem de Bimba para Goiânia assim comenta:

...a mudança do Mestre para Goiânia...
 ...que prefiro chamar de...
 ...**fuga da amargura e da desilusão**...
 ...tem raízes no desgosto profundo...
 ...que lhe causava a falta do reconhecimento...
 ...de sua importância histórica e cultural...
 ...pelos nossos poderes públicos...
 ...na sua ingenuidade acreditava piamente que...
 ...dado o valor do seu trabalho...
 ...no campo de folclore baiano...
 ...pela recuperação da tradição do maculelê...
 ...pelo desenvolvimento da capoeira...
 ...pela divulgação do candomblé...
 ...no ambiente acadêmico de Salvador...
 ...e no Nordeste (*sic*)...

Esse desapontamento com os poderes públicos baianos parece ser recorrente a todas aquelas figuras dedicadas à cultura do povo e é uma questão histórica advinda dos resquícios de preconceitos, tabus e temores dos governos autoritários frente às manifestações culturais surgidas no seio popular, principalmente cultuadas pelos negros escravizados.

Essa desconsideração no meio capoeirístico assume proporções alarmantes a exemplo do Mestre Pastinha que foi desalojado pelo Patrimônio Artístico e Cultural do Estado da sua academia (Centro Esportivo de Angola), localizada no prédio de número 51 da rua Gregório de Matos, no Pelourinho, em Salvador, para que o governo fizesse a reforma do imóvel. Pastinha nunca mais voltou para o local de origem. Vale ressaltar que esse local era um dos pontos turísticos de referência do nosso Estado.

Pastinha passou a viver com uma mesada de três salários mínimos da Prefeitura de Salvador e da ajuda de alguns dos seus alunos mais chegados. Amargurado, cego e triste, morreu desamparado em um quarto mal cheiroso no Pelourinho.

Outros mestres tiveram o mesmo destino, a exemplo de Caiçara, Canjiquinha, Valdemar da Liberdade, Cobrinha, Gato, Atenilo e tantos outros menos conhecidos, que sempre reclamaram da falta de reconhecimento, do desdém e do desamparo do governo baiano para como os homens inseridos na cultura ou mesmo o respeito do simples cidadão.

Mestre Bimba tinha um perfil de homem austero, sério, atento a tudo e por esse motivo considerado uma pessoa de palavra. Era pontual no cumprimento dos seus horários e acreditava nos seus alunos. Muniz Sodré (2002), Itapoan (1994) e Decanio (1996) também relatam que Bimba tinha uma confiança cega e até mesmo ingênua na palavra empenhada.

Talvez por acreditar nas pessoas e ser um homem do tipo mandão, como disse D. Nair, “cabeça dura”, que não aceitava opinião de mulheres é que por duas vezes caiu no conto do vigário.

O mestre foi para Goiânia a convite do seu aluno Osvaldo de Souza. Osvaldo veio treinar capoeira na academia de Bimba durante as férias e começou a conversar com Bimba mostrando as vantagens que ele teria se fosse para Goiânia. Prometeu duas casas mobiliadas, participação em shows folclóricos, academia e até aulas na universidade. Pegou o mestre num momento de fraqueza e de decepção com a Bahia.

Quando Mestre Bimba anunciou a sua decisão de ir para Goiânia pegou todos os alunos de surpresa. Lembro perfeitamente das conversas na academia, dos comentários dos alunos mais antigos que tentaram dissuadi-lo. Decanio, um dos seus alunos mais influentes, conta que tentou persuadir por diversas vezes Bimba a mudar de idéia e chegou mesmo a

apelar pelo amor que devotava por tantos anos, pela afinidade de filho, sem, contudo, lograr sucesso, pois o mestre estava mesmo decidido, fascinado pela viagem.

Bimba partiu para sua nova morada acompanhado de duas famílias, ao todo vinte e três pessoas. Chegando lá uma decepção: nas casas prometidas faltavam os móveis e havia tanta lama que foi preciso tirar de balde. O dinheiro era escasso e não dava para nada. Bimba se ressentia de não poder dar aos filhos a televisão tão esperada.

As desavenças com Osvaldo foram ficando cada vez mais ferrenhas a ponto do mestre fazer uma declaração no *Diário de Brasília*, em 1º de outubro de 1973, dizendo: “aquilo é um lobo, foi um erro lhe dar o diploma; ele me prometeu duas casas completas. E o que é casa completa? É toda mobiliada não é não?”. Os desentendimentos passaram a ocorrer por vários motivos: falta de dinheiro, prestação de contas de shows, promessas não cumpridas e a divisão do mesmo espaço para o ensino da capoeira. Bimba costumava falar que cada academia só poderia ser orientada por um mestre, ou seja, um dono. Essa situação de dividir a maestria não combinava com a personalidade de Bimba.

Itapoan (1994, p. 108) retrata com propriedade a conversa que teve com Bimba quando visitava Salvador:

Encontrei-o na antiga Estação Rodoviária no dia em que ia voltar para Goiânia. Conversamos muito, eu ele e o Alegria (um aluno formado) além de D. Nair (sua esposa) e seu filho Demerval (Formiga). Ele falou que estava muito bem em Goiânia, ensinando e apresentando sempre. Já dona Nair nos disse: “*Bimba foi enganado, não volta porque é muito orgulhoso*”. Sentimos que realmente o Mestre não estava bem em Goiânia, pois o Alegria o encontrou em um ponto de ônibus, coisa que não fazia a vários anos, andando só de táxi. para mim contou que viera a Salvador com apenas Cr\$ 200,00 no bolso e que tinha pedido dinheiro emprestado para voltar. O filho dele, Manoel, me disse que chegando em Goiânia, Osvaldo de Souza (que o levou pra lá) tentou passar o Mestre para trás em shows e nas aulas, tendo assim o Mestre rompido a amizade, ficando entregue a própria sorte. D. Alice, esposa, disse que assim que o Mestre morreu ela tratou de vir para Salvador, pois de falsidades ela já estava cheia! *A verdade é que bimba não estava bem em Goiânia.* (grifo nosso) (*sic*).

Um ano depois de Bimba deixar sua terra natal, no dia 5 de fevereiro de 1974, morria após se sentir mal numa apresentação no Clube dos Funcionários Públicos de Goiás. Ele, um homem que primava pelo empenho da palavra acordada, amanheceu naquele dia demonstrando sinais de que estava adoentado, mas mesmo assim foi cumprir sua obrigação de mostrar a Capoeira Regional. A rigor, o mestre nunca mediu esforços para apresentar a sua arte a quem quer que fosse e em qualquer circunstância. Era sua paixão, era sua vida.

Para Itapoan (1994, p. 111) morria “a maior figura folclórica da Bahia, a maior figura que a capoeira já produziu”; e salienta os predicados de um homem forte, diferente mesmo, especial, capaz de se vestir de mulher para “jogar cartas, bater na polícia, e não ser

reconhecido depois”; um homem que ao ser procurado pela milícia se camuflava e “*passava as noites em cima de uma jaqueira, todo amarrado em um galho para não cair durante o sono*”. O homem que promoveu a capoeira elevando o seu *status* e que a tirou *debaixo do pé do boi*.

Seus familiares que o acompanharam em Goiânia são unânimes em dizer que mestre Bimba morreu de “banzo”⁶¹. Ele que por diversas vezes afirmava “*se não gosar de nada em Goiás, vou gosar do seu cemitério*”, estava desiludido, humilhado e enganado, mas era muito teimoso e orgulhoso para voltar atrás.

A ida para Goiânia foi mais um capricho de Bimba, pois nos depoimentos dos seus familiares, eles achavam que a mudança para outra cidade não ia ser boa, não acrescentaria nada, uma vez que todos amavam a Bahia e suas raízes estavam fincadas na cultura baiana.

Concordo com Decanio (1996, p.128-129) em que nenhum dos seus alunos estimulou a viagem, pelo contrário, todos estavam apreensivos, porém existia uma certa fascinação do mestre pela mudança. Também estou de acordo com Decanio quando ele enfatiza não ser “justo responsabilizar Osvaldo, nem qualquer outro aluno pela mudança para Goiânia”.

Vale lembrar que os discípulos mais próximos chegaram a implorar para que ele ficasse, houve até uma manifestação importante do radialista França Teixeira, o mais famoso e popular da época em Salvador, todavia a decisão estava tomada e para seu filho Demerval “Formiga”, o que pesou mesmo foi o ressentimento. Bimba, dias antes da viagem, recebeu uma cobrança de impostos que não cabia, pois era isento, ficou magoado, indignado pela consciência do valor da sua cidadania e da contribuição à cultura baiana.

O mestre estava tão decidido que acho que previa sua morte, pois se desfez dos seus principais imóveis, vendeu apressadamente a academia no Pelourinho e a sede de eventos no Sítio Caruano.

Depois do derrame sofrido por Bimba durante a apresentação, a família passou por muitas dificuldades em Goiânia pela falta de recursos para um pronto atendimento médico. Bimba a exemplo de muitos cidadãos brasileiros peregrinou por dois hospitais - Hospital Geral e São Francisco - sendo internado como indigente, sem o reconhecimento que tanto almejava.

⁶¹ Doença da nostalgia e saudade que acometia os negros escravizados.

Bimba foi enterrado no Cemitério Parque de Goiânia, acompanhado da família e de seus alunos. Jaci Fernandes Sobrinho, um dos seus discípulos, tocou o berimbau preferido do mestre, em seguida colocando-o junto ao seu corpo. Seus filhos adolescentes Demerval “Formiga” e Manoel “Nenel” jogaram capoeira.

Os restos mortais de Mestre Bimba foram trasladados em 20 de julho de 1978. Coube a D. Alice, Itapoan e Carlos Senna essa empreitada a serviço da Prefeitura Municipal de Salvador, a qual, sensibilizada, custeou as despesas e prometeu a confecção de um monumento em homenagem ao mestre criador da Capoeira Regional.

No entanto, a Prefeitura foi lenta na resolução do problema e os restos mortais de Bimba permaneceram dezesseis anos no Cemitério do Campo Santo à disposição da Prefeitura, no sentido de dar o destino final e prometido, o qual não aconteceu, apesar das insistentes notas veiculadas nos principais jornais de Salvador.

A família tomou a decisão e valeu a iniciativa de seus dois filhos, Demerval e Nenel em dar um destino definitivo a urna mortuária. Organizaram uma missa no dia 5 de fevereiro de 1994, na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, no Pelourinho, muito concorrida por populares, capoeiristas e ex-alunos. Em seguida, saíram todos em cortejo pelas ruas do Centro Histórico até o Convento do Carmo onde foi finalmente sepultada.

Apesar dos infortúnios na mudança para Goiânia, mesmo com o pouco tempo dedicado à arte da capoeiragem, apenas um ano ministrando aulas e fazendo shows folclóricos, numa temporada de desgostos, sofrimento, depressão e banzo, Bimba deixou o seu legado enraizado naquela terra. Realizou aquilo que acreditava até o derradeiro instante e hoje percebemos que ele desferiu um “golpe certo, um golpe de mestre”.

Não se têm parâmetros para medir o quanto Bimba contribuiu para a juventude de Goiás, representada na atualidade por diversos grupos de Capoeira que surgiram na relação multiplicadora dos seus alunos.

Não se pode ensinar alguma coisa a alguém, pode-se apenas auxiliar a descobrir por si mesmo.

Galileu Galilei.